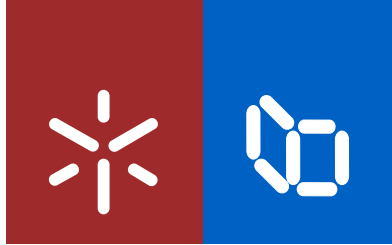




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Yu Yibing

**Aprendizagem da Cultura Chinesa
e Aquisição de Caracteres**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Yu Yibing

Aprendizagem da Cultura Chinesa e Aquisição de Caracteres

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sun Lam

DECLARAÇÃO

Nome: Yu Yibing

E-mail: yuyibing.lidia@gmail.com

Telefone: 927684088

Número do Passaporte: G62110781

Título da Dissertação: Aprendizagem da Cultura Chinesa e Aquisição de Caracteres

Orientador: Professora Doutora Sun Lam

Dissertação de Mestrado em: *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AO MEU AVÔ

谨以此文献给我最亲爱的爷爷

ESCLARECIMENTOS

Neste trabalho, recorro à romanização *Hanyu Pinyin* (汉语拼音, *hànyǔpīnyīn*), sendo este o sistema fonético oficial de transcrição da sonoridade dos caracteres chineses para caracteres latinos. Algumas exceções podem ser encontradas ao longo desta monografia, como sejam os casos dos nomes de Sun Yat-sen (Sun Yixian) e Chiang Kai-shek (Jiang Jieshi), cuja romanização segundo o sistema Wade-Giles já se generalizou. Para além destes casos, há ainda aqueles cuja língua portuguesa dispõe de um termo correspondente, como por exemplo, Macau (Aomen), Cantão (Guangdong), etc. No entanto opto pela romanização em Shanghai (Xangai) e Nanjing (Nanquim).

Os caracteres chineses principais nesta dissertação serão sempre seguidos da respetiva romanização *pinyin*, com correspondentes tons.

Em chinês, o apelido precede sempre o nome próprio: por exemplo, Mao Zedong tem Mao como apelido e Zedong como nome próprio; Deng Xiaoping tem como apelido Deng e como nome próprio Xiaoping.

Segundo o sistema Hanyu Pinyin, o chinês transliterado é pronunciado de modo semelhante ao português, com as seguintes exceções¹:

Som final de sílaba

e: próximo de “azul”

ang: com “a” nasalado

eng: com “e” nasalado

¹ Estas indicações fonéticas não seguem o Alfabeto Fonético Internacional, pretendendo apenas auxiliar o leitor português que não esteja familiarizado nem com este nem com a romanização normalizada do chinês: *pinyin*.

ong: com “o” nasalado

uang: com “a” nasalado

i: como “vida”

i(*seguindo c, ch, s, sh, z, zh*): sem som

iam: ien

iang: com “a” nasalado

ing: com “i” nasalado

iong: com “o” nasalado

u: como “tu”

u (*seguindo j, q, x, y*): ü, como se pronuncia designadamente em francês e alemão.

Som inicial de sílaba

c: “ts”

ch: “tch”

h: “h” aspirado, como em inglês “who”

q: “tch”

r: como em inglês “pleasure”

sh: como “chafariz”

zh: “dj”

A abreviatura “NdA” (Nota de Autor) é posta apenas seguida das notas de rodapé designadamente explicativas.

Assumo a responsabilidade pela tradução de todas as citações e referências na presente tese.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora, Doutora Sun Lam pela sua disponibilidade, interesse e orientação académica, tendo sido como uma segunda mãe para mim, apoiando-me nos tempos mais difíceis e nunca deixando de acreditar neste projeto a que eu própria me propus. Ao Professor Luís Cabral pelo acompanhamento, apoio e sugestões, pela sua visão particular da escrita chinesa, que me permitiu alcançar novos patamares nesta minha obra. Um enorme obrigado pela sua paciência ao longo desta jornada.

Um agradecimento a todos os colegas do Instituto Confúcio e da Universidade do Minho, pelo espírito de companheirismo, em especial à Andrea Portelinha, Bruna Peixoto e Emília Dias.

Aos meus alunos, pela confiança e simpatia no meu estágio.

Aos meus amigos chineses e portugueses, pela ajuda em todos os aspetos na vida, pelo sincero carinho e amizade eterna.

Por último, e não menos importante, um grande agradecimento à minha família, ao meu namorado e à sua família por todo o apoio que me deram ao longo deste percurso, em especial nos momentos em que se esmoreciam os ânimos.

RESUMO

A língua e a cultura complementam-se mutuamente. São dois elementos inseparáveis; a língua reflete a cultura de um país e a cultura encarna em si mesma a evolução linguística. Os caracteres, elemento base do chinês com características únicas, refletem diretamente na sua estrutura não só a evolução cultural e estética chinesa, mas também o pensamento, crenças filosóficas e as várias vertentes culturais da sociedade chinesa. Numa análise global do ensino de chinês como língua estrangeira, numa fase inicial o docente deve cativar o aluno com alguns elementos culturais de modo a estimular o seu interesse pela aprendizagem da língua; num nível intermédio a cultura e a língua já devem estar interligadas, e serem utilizadas em conjunto para uma evolução contínua; num nível avançado a cultura torna-se um alicerce para o aluno compreender fenómenos linguísticos, expressar um estilo de linguagem apropriada ou, numa meta mais elevada, interpretar corretamente conotações culturais.

Palavras chave: Ensino de chinês, caracteres, cultura chinesa, evolução linguística

ABSTRACT

Language and culture complement each other. They are two inseparable elements; language reflects the culture of a country and culture embodies within itself the linguistic evolution. Chinese characters, perceived as a key component in Chinese language, reflect within themselves not only the cultural and aesthetics evolution of China, but also, its cultural mentality philosophic convictions and the multifaceted cultural characteristics of Chinese people. Making a global analysis of the Teaching of Chinese as a Foreign Language, one may conclude that, in its initial stages, teachers should use cultural elements as a way of motivating their students into a more comprehensive study of the language. At an intermediate level, culture and language teaching should already be used mutually in order to facilitate the learning evolution of the students. At an advanced level, culture becomes a background knowledge for the students to understand linguistic phenomena, to express in an appropriate language style, or even to interpret correctly cultural connotations.

Key words: Chinese teaching, Chinese characters, Chinese culture, Linguistic evolution

摘要

语言与文化两者相辅相成，互为一体，不可分割，语言反映文化现象，文化包含语言自身的发展。而汉字，作为汉语言的基础部件及特有元素，其结构的演化与发展直接反映了中华文明及美学的时代特征，而它的运用也从侧面体现了中国人的精神面貌、哲学信仰等多重文化内涵。因此，纵观对外汉语教学的全程，初级阶段的文化教学是语言本体学习的辅助手段，旨在帮助学生加深理解，提高学习兴趣；中级阶段文化与语言学习互为依靠，相互作用；高级阶段文化自觉、不自觉地成为学习的主体内容，语言则成为理解、表达文化现象，阐释文化内涵的工具。

关键词：对外汉语教学，汉字，中国文化，语言演变

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I - Papel do Sinograma e da Cultura no Ensino da Língua Chinesa como Língua Estrangeira	4
I.1 História, Escolas e Evolução de CLE.....	6
I.2 A Cultura Chinesa no Ensino da Língua.....	13
I.3 Importância do Ensino da Escrita Chinesa.....	20
Capítulo II - Escrita e Cultura Chinesas	24
II.1 Origem, Evolução e Características dos Caracteres Chineses	25
II.1.1. Origem dos Caracteres	26
II.1.2. Evolução e Características dos Caracteres.....	31
II.2 Ligação entre Caracteres e Cultura Chinesa	37
II.2.1. Formação dos Caracteres como Reflexo Cultural.....	40
II.2.2. Utilização da Escrita em Contexto Cultural.....	55
Capítulo III - Reflexões sobre a Metodologia Utilizada: o Caso do Instituto Confúcio da Universidade do Minho.....	67
III.1 Características dos Alunos e as Suas Motivações.....	68
III.2 Metodologia Utilizada no Ensino da Escrita Chinesa no Instituto Confúcio da Universidade do Minho	72
III.2.1 Metodologia Utilizada no Nivel de Iniciação	72
III.2.2. Metodologia Utilizada no Nivel Intermédio e Avançado	79
Conclusão.....	87
Bibliografia	91

Índice de Ilustrações

Ilustração 1: Onze caracteres encontrados em Dinggong, Shandong	27
Ilustração 2: Número 1 a 5 em registo de nós e a sua forma de escrita moderna	29
Ilustração 3: O ábaco chinês.....	29
Ilustração 4: Ba Gua (八卦, <i>bāguà</i>)	31
Ilustração 5: Luo Shu He Tu, (洛书河图, <i>luòshūhé tú</i>)	31
Ilustração 6: Formas antigas dos caracteres	31
Ilustração 7: Carácter <i>cavalo</i> (马 <i>mǎ</i>): antes e depois de uniformização.....	32
Ilustração 8: Evolução do carácter sol (日 <i>rì</i>)	33
Ilustração 9: Caracteres em diferentes fases.....	33
Ilustração 10: Carácter de fidelidade em diferentes estilos.....	34
Ilustração 11: A imagem de boca e os seus caracteres antigo e moderno.....	37
Ilustração 12: Evolução do carácter lua	42
Ilustração 13: Retrato de uma mulher de joelhos e o carácter mulher (女 <i>nǚ</i>)	42
Ilustração 14: Caracteres de cima cima (上, <i>shàng</i>) e baixo (下, <i>xià</i>)	43
Ilustração 15: Evolução do carácter 初 <i>chū</i>	44
Ilustração 16: Ideofonograma <i>mãe</i>	45
Ilustração 17: Forma inicial do carácter 北	46
Ilustração 18: O carácter 忘 (<i>wàng</i>) em diferentes fases.....	48

Ilustração 19 : Caracteres com o radical 贝 bèi.....	48
Ilustração 20 : Comparação dos caracteres 豕 shǐ e 豶 jiǎ.....	51
Ilustração 21 : Evolução do carácter casa 家 jiā	53
Ilustração 22 : Forma original do carácter 不 bù.....	54
Ilustração 23 : Evolução do carácter 不 bù	54
Ilustração 24 : Evolução do carácter 笔 bǐ.....	75
Ilustração 25 : Erros no ditado	83
Ilustração 26 : 马上有钱, mǎshàngyǒuqián.....	84

INTRODUÇÃO

A língua chinesa tem uma especificidade ao mesmo tempo fascinante e desconcertante, sobretudo para alunos cuja língua materna obedece a um sistema de escrita alfabético, como é o caso dos alunos portugueses, que reside nos seus caracteres. Existe ainda outro fator importante, que se prende com a etimologia visual plasmada nesses mesmos caracteres, sobretudo ao nível dos seus radicais, que pode otimizar a aprendizagem da língua. Na nossa opinião, o sucesso do ensino do chinês como língua estrangeira depende, em grande parte, da capacidade de ensinar eficazmente os caracteres, não só na sua leitura/expressão, mas também ao nível da sua relevância para a aprendizagem gramática.

Para além desta preocupação didática, a motivação dos estudantes para aprenderem uma língua tão distante é também um fator decisivo: a maioria dos alunos escolhe estudar chinês, em grande medida, movidos pela curiosidade em relação à cultura chinesa. De resto, a língua chinesa apresenta na sua escrita uma forte componente cultural ou seja, os seus caracteres são mais do que simples unidades semânticas, são códigos culturais que incorporam tradições milenares.

Os caracteres chineses, que têm origem em pictogramas e ideogramas e que exprimem vivências quotidianas passadas, integram conceitos filosóficos que permanecem razoavelmente inalterados desde há milhares de anos. Estes conceitos ajudaram a moldar a forma de ser e pensar da sociedade chinesa. *A história real do ser humano começou após a criação da escrita. (...) os caracteres chineses são a luz da civilização chinesa*, afirma Dong.² A relação entre os caracteres e as estruturas culturais e políticas, bem como o desenvolvimento social ainda está presente, hoje em

² 2005, 3 人类社会的真正历史, 可以说是从有了文字才开始的……汉字, 则是中华民族的文明之光。

dia, na idiosincrasia chinesa. Aprender caracteres chineses não é apenas um ramo da aprendizagem da língua, é também parte integrante da aprendizagem cultural.

Ao longo do presente trabalho, daremos conta dessa simbiose entre língua e cultura, recorrendo a diversos exemplos práticos. No primeiro capítulo, *Papel do Sinograma e da Cultura no Ensino da Língua Chinesa Língua Estrangeira*, dá-se conta da génese e evolução do ensino de chinês como língua estrangeira, destacando-se ainda a importância de associar uma componente cultural a este processo e de privilegiar a compreensão dos caracteres.

Num segundo momento (*Escrita e Cultura Chinesas*), impõe-se uma descrição, necessariamente breve, sobre a origem, evolução e normalização dos caracteres chineses, relacionando-os com um contexto histórico, social e cultural pois, como já se referiu, a língua chinesa é um facto cultural *per se*.

Por fim, analisar-se-ão as metodologias de ensino de chinês, nas suas várias fases (iniciação, elementar, intermédio e avançado), tomando o caso particular dos projetos desenvolvidos pelo Instituto Confúcio da Universidade do Minho como sejam os Cursos Livres, o Projeto *Ensino de Chinês nas Escolas* e o Curso *Chinês Turístico e Comercial*. Neste contexto e consideradas as características destes grupos de alunos, pretende-se verificar de que modo a cultura pode facilitar a aquisição de caracteres e a aprendizagem da língua mais falada no mundo.

CAPÍTULO I

PAPEL DO SINOGRAMA E DA CULTURA NO ENSINO
DA LÍNGUA CHINESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Os Sinogramas, também conhecidos como caracteres chineses, constituem uma das formas de escrita mais antiga do mundo. Com uma história porventura com mais de 5000 anos, esta forma de escrita sobreviveu no tempo e continua a ser utilizada em diversas regiões do globo onde vivem chineses ou os seus descendentes. Existe, em várias línguas, uma expressão irónica usada para descrever uma conversa de difícil compreensão: *é chinês!* Este facto reflete a assunção da dificuldade da língua chinesa na sua expressão oral e compreensão auditiva, mas também remete para alguém que nunca tenha tido qualquer contacto com a sua forma escrita e é, por isso, incapaz de a decifrar.

Sobre essa forma de escrita, é comum ouvir perguntar: *O quê é isso? Desenhos!?*. Coincidentemente, essa suposição é correta. Os caracteres têm de facto uma origem pictórica, ou melhor, são pictogramas que, em muitos aspetos, refletem a vida quotidiana dos tempos remotos. Acompanhando o desenvolvimento da China, e a sua abertura ao mundo ocidental, esta cultura milenar tem progressivamente revelado os seus mistérios, desvendando o véu que paira sobre os seus símbolos culturais, passando a sua escrita a provocar cada vez menos estranheza.

Hoje em dia, o ensino de Chinês Língua Estrangeira (CLE) consolidou o seu estatuto enquanto ramo das ciências humanas, possuindo um sistema de ensino relativamente maduro em vários países estrangeiros, como o Japão, a Coreia do Sul, a França ou Inglaterra. Em Portugal, o ensino formal e continuado de CLE deu os seus primeiros passos na Universidade do Minho em 1991, com o estabelecimento do primeiro Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas numa universidade portuguesa, financiado pela Fundação Oriente. Em 1997, criou-se o Centro de Línguas e Culturas Orientais, continuando com a oferta de cursos livres. Em 2004, a primeira licenciatura

em *Estudos Orientais* de Portugal foi criada na Universidade do Minho³ e, logo depois, em setembro de 2005, o vice-ministro da Educação, Dr. Zhang Xinsheng, e o vice-diretor do *Hanban*, Dr. Zhang Guocheng, visitaram a Universidade do Minho, a fim de avaliarem o nível de ensino de CLE nesta instituição. Após a visita, decidiram instalar um Instituto Confúcio nesta Universidade (adiante designado como IC Uminho), projeto concretizado no dia 5 de dezembro de 2005.⁴

Durante muitos anos, sinólogos estrangeiros, bem como chineses que se dedicaram ao ensino de CLE, seguiram metodologias características do ensino de línguas indo-europeias, que abordam a aprendizagem da escrita em simultâneo com a prática da oralidade e da gramática. Nestas metodologias, é comum utilizar-se a *frase* e a *palavra* como elementos nucleares do ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, a aprendizagem dos caracteres não era abordada como um ramo independente da didática da língua, considerando-se o sinograma como um anexo, talvez relevando mais da ergonomia, ao ensino e aprendizagem da língua (falada). Contudo, a língua chinesa não tem um registo fonográfico, como as demais que sejam do nosso conhecimento. Possui características próprias e os caracteres assumem fundamental importância, pois são as unidades elementares constituintes das palavras, cujo agrupamento vai formar a frase, sem prejuízo da sua possível decomposição, que acarreta contudo uma modificação semântica. Assim sendo, o ensino de CLE não pode descurar o ensino da escrita, secundarizando a aprendizagem dos caracteres.

I.1 HISTÓRIA, ESCOLAS E EVOLUÇÃO DE CLE

³ Cf. GUAN, 2014.

⁴ Cf. www.confucio.uminho.pt/sobre/objectivos.

A história de CLE tem os seus primórdios há milhares de anos. Podemos encontrar referências com mais de 2.500 anos, na obra *Ritos de Zhou* (周礼, *Zhōulǐ*) e em *Cerimonial* (礼记, *Lǐjì*). Nestas obras surge a palavra 通译 (*tōngyì*), cujo significado é “transcrição universal” e reflete a existência, na altura, de regras para a transposição de outra(s) língua(s) para chinês, o que constituirá o primeiro conceito de CLE. O ensino em grande escala da língua chinesa começou a partir do ano 25 d.C., no início da dinastia Han Oriental⁵. Na obra histórica *Livro de Han Posterior: Biografias dos Estudiosos Confucionistas*⁶ lê-se: 匈奴亦遣子入学 (*xiōngnú yì qiǎnzǐrùxué*), significando que os *Xiongnu* (匈奴, *xīōngnú*) ou os estrangeiros do norte, hoje conhecidos como mongóis, enviavam os filhos para estudarem na China. Esta afirmação demonstra o desenvolvimento do ensino de chinês na altura, que atingiria o ponto áureo na dinastia Tang⁷, continuando a ser bem-sucedido nas dinastias seguintes, designadamente durante as linhagens Ming⁸ e Qing⁹.

Na altura, muitos estrangeiros oriundos de países vizinhos viviam e estudavam na China e, posteriormente, muitos embaixadores e missionários de países ocidentais percorreram longas distâncias desde as respetivas pátrias, para desenvolverem um intercâmbio cultural e comercial.¹⁰ De entre eles, alguns terão alcançado um bom domínio da língua chinesa e contribuíram notavelmente para a recíproca compreensão cultural e para a introdução na China de tecnologias avançadas. Neste contexto, não pode ser ignorado o papel dos jesuítas, muitos deles ligados ao Padroado Português,

⁵ Dinastia Han Oriental, (东汉, *dōnghàn*), 25-220 d.C.

⁶ Livro de Han Posterior: Biografias dos Estudiosos Confucionistas (后汉书·儒林列传, *hòuhànshū·rúnlínlièzhuàn*).

⁷ Dinastia Tang, (唐朝, *tángcháo*), 618-907 d.C.

⁸ Ming ou Dinastia Ming, (明朝, *míngcháo*), 1368 -1644 d.C.

⁹ Qing ou Dinastia Qing, (清朝, *qīngcháo*), 1616-1911 d.C.

¹⁰ Cf. LU,1999.

com apurada formação em Macau, que chegaram à China por via marítima. O famoso padre italiano Matteo Ricci foi um dos primeiros jesuítas a chegar à China. Estudou, em Macau, a língua chinesa durante muitos anos, tendo dado um imenso contributo tanto na investigação científica como no ensino de CLE dirigido a ocidentais, compilando por exemplo o primeiro dicionário Português-Chinês, em parceria com Miguel Ruggieri. Esse contributo foi enaltecido no início das celebrações do quarto centenário da sua morte pelo Papa Bento XVI, que o caracterizou como "um modelo de proveitoso encontro entre as civilizações europeia e chinesa".¹¹

No livro *Primeira Embaixada Europeia à China*, Armando Cortesão refere que, em 1516, o boticário português Tomé Pires foi enviado como embaixador à China. Para além de ter sido o primeiro diplomata europeu oficialmente enviado para esse país, Tomé Pires deixou-nos a sua *Suma Oriental*, a primeira descrição do Oriente escrita por um português. Refira-se ainda o livro intitulado *Cousas da China: Costumes e Crenças*, escrito em 1898 por J. Heliodoro Callado Crespo, considerado como um dos primeiros textos sobre o país. Divide-se em centenas de capítulos, introduzindo-nos em vários aspetos da cultura, sociedade e geografia da China, como rios, cidades, meios de transporte, ritual de casamento, etc. Entre os vários assuntos abordados nesta obra, há um capítulo em particular que se dedica à língua chinesa e aos seus caracteres.

*O que distingue a lingua chineza de todas as outras é a sua originalidade surpreendente, a sua grande antiguidade, o fallar-se e escrever-se hoje quasi da mesma forma que há centenas de anos (...)*¹²

¹¹Cf. <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages.html>

¹² 1898, 40

O padre Joaquim Afonso Gonçalves foi outra figura de relevo no contexto intercultural entre Portugal e a China do século XIX. Transcreveu muitas e variadas obras conhecidas da literatura chinesa para português, sendo ainda responsável pela criação de diversos manuais, como um dicionário português-chinês, utilizados no ensino em Macau.

O ensino de CLE conseguiu, ao longo dos tempos, um sucesso assinalável em diversos países. Em 372 d.C. foi estabelecida a primeira Tutoria de Língua Chinesa na Coreia¹³. Entre o século I e o século X, com a introdução do budismo no Vietname, os vietnamitas começaram a aprender chinês no intuito de traduzirem os *sutras* budistas. Durante o século XIX, vários missionários europeus, em função das respetivas experiências de aprendizagem, criaram metodologias próprias de ensino de chinês e levaram-nas para países ocidentais, como França, Itália e Portugal. No entanto, todos os casos anteriormente referidos foram isolados, sendo que, na maior parte das vezes, esse tipo de ensino resultava de um processo de investigação, ao invés de se fundamentar em didáticas e metodologias de ensino linguístico. Aliás, antes da fundação de República Popular da China, o ensino de CLE nunca alcançou um estatuto de especialidade ou área disciplinar autónoma. Ora, como refere Lu Jianji,

*O estabelecimento de uma qualquer disciplina deve basear-se na sua história, numa preparação cuidada e num desenvolvimento sistemático, e nunca pode resultar, ou fundamentar-se, apenas em estudos empíricos e não sistémicos.*¹⁴

¹³ Antiga Coreia (高句丽, *gāogōuli*).

¹⁴ 1999,129 任何一个学科的建立,都有其历史渊源,都不可能是无源之水,无本之木,都是经过很长时期的积累、发展,到了一定的时候才成熟,成为一门学科。.

Apesar da linguística como disciplina ser relativamente recente - ainda não possui 200 anos de existência - o estudo das línguas (filologia e retórica) possui já uma história bastante longa. A linguística resulta da acumulação de conhecimentos e de uma preparação ao longo da história. No caso particular do ensino de CLE verificou-se também um mesmo processo de sistematização e adaptação a novos conceitos e paradigmas.

Podemos dizer que o CLE existe há quase meio século, desde a fundação da R. P. China, e divide-se em duas fases principais:

- a. Fase de Formação: 30 anos antes da Reforma e abertura da China;
- b. Fase de Desenvolvimento: 20 anos após a Reforma e abertura da China.

Destas duas fases, a primeira pode ainda ser subdividida em três períodos, a saber: os períodos de iniciação, desenvolvimento e recuperação (após a Revolução Cultural). Quando falamos do período de iniciação, referimo-nos às décadas de 50 e 60 do século XX. Na altura, algumas universidades e institutos pioneiros começaram a estabelecer oficialmente a disciplina de CLE. Em julho de 1950, a Universidade de Tsinghua¹⁵ abriu pela primeira vez o curso de atualização para estudantes de intercâmbio da Europa de Leste, marcando o início de CLE na R.P. China. Pouco tempo depois, em 1961, o Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing¹⁶ constituiu o gabinete de estudantes estrangeiros em colaboração com a Universidade de Beijing¹⁷, que muito contribuiu para o desenvolvimento do ensino de CLE no país. Durante esta

¹⁵ Universidade de Tsinghua (清华大学, *qīnghuádàxué*).

¹⁶ Beijing, ou Pequim em português. O Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing (北京语言学院, *běijīngyǔyánxuéyuàn*) posteriormente mudou de nome para Universidade de Estudos Internacionais de Beijing (北京外国语大学, *běijīngwàiguóyǔdàxué*).

¹⁷ Universidade de Beijing (北京大学, *běijīngdàxué*).

primeira década, as primeiras instituições de CLE receberam 3.315 estudantes estrangeiros, provenientes de mais de 60 nações diferentes e, simultaneamente, começaram a enviar professores chineses para os países comunistas do antigo Bloco de Leste. Entre 1952 e 1955, o linguista *Zhu Dexi*¹⁸ foi incluído num primeiro grupo de professores de CLE enviado para a Bulgária. Em 1953, outro linguista, *Zhou Zumo*¹⁹ publicou no jornal *Língua Chinesa* (中国语文, *zhōngguó yǔwén*) um artigo intitulado *Algumas Questões no Ensino de Chinês para Alunos não Han*²⁰, considerado como o primeiro artigo de investigação na área de CLE.

O segundo período, entre a década 60 e o início da Revolução Cultural (maio de 1966 a outubro de 1976) é conhecido como a fase de desenvolvimento. Em 1962 foi fundada a Escola Superior Preparatória para Estudantes Estrangeiros, numa parceria do Gabinete de Estudantes Estrangeiros do Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing com o Departamento de Estudo para o Estrangeiro²¹ da mesma universidade. Posteriormente, em 1964, com a autorização do Ministério da Educação, a denominação da escola foi alterada para Instituto de Estudos de Língua de Beijing²². Esta era, na altura, a única instituição de ensino superior focada na área de CLE. No verão de 1965, 20 universidades receberam mais de dois mil alunos vietnamitas e, no mesmo ano, em toda a China foram recebidos 3.312 estudantes estrangeiros. A partir de 1961, o Ministério da Educação iniciou a formação de professores para CLE, recomendando que os alunos licenciados com mérito em língua e cultura chinesas recebessem formação de atualização (de três anos) em língua estrangeira, no Instituto

¹⁸ 朱德熙 (*zhūdéxī*).

¹⁹ 周祖谟 (*zhōuzǔmò*).

²⁰ 教非汉族学生学习汉语的一些问题 (*jiāo fēihànzú xuéshēng xuéxí hànyǔ de yìxiē wèntí*).

²¹ Departamento de Estudos para o Estrangeiro (出国留学部, *chūguó liúxéshēng bù*).

²² Instituto de Estudos de Língua de Beijing (北京语言学院, *běijīng yǔyán xuéyuàn*). Hoje em dia é conhecido como *Universidade de Língua e Cultura de Beijing* (北京语言大学, *běijīng yǔyándàxué*).

de Línguas Estrangeiras de Beijing ou na Universidade de Beijing. Este projeto foi desenvolvido com sucesso até à Revolução Cultural (maio de 1966), formando centenas alunos que passaram a ser professores de CLE.

A década de 70 é considerada como o período de recuperação de CLE. A partir de meados da década de 60 e nos dez anos seguintes, a China esteve envolvida na famigerada Revolução Cultural, período em que todo o desenvolvimento do país, designadamente ou talvez sobretudo ao nível da cultura e educação, foi inevitável e negativamente influenciado, com consequências e resultados altamente desfavoráveis. Com a perseguição a intelectuais e professores, o ensino de CLE entrou num período de estagnação quase total. Todavia, esta situação começou a melhorar no início da década de 70, quando a China conseguiu uma série de avanços na sua relação com o resto do mundo. Em 1971, as Nações Unidas anunciaram a restauração da representação legítima da Beijing e, em 1973, a 28ª Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou o chinês como um dos cinco idiomas de trabalho do Conselho de Segurança. Para além disso, em 1972 a China começou a apoiar a construção ferroviária entre a Tanzânia e a Zâmbia, formando técnicos de ambos os países que tinham, antes de mais, de aprender chinês. Nesse mesmo ano, o Primeiro-ministro autorizou a reativação do Instituto de Estudos de Língua de Beijing que, no ano seguinte, recebeu 383 novos estudantes estrangeiros, provenientes de 42 países.

Após o conturbado período da Revolução Cultural, o ensino de CLE entrou numa fase de desenvolvimento constante. Em 1987, para formalizar esta área de estudo e para promover CLE no estrangeiro, foi estabelecido um departamento intitulado *Conselho Internacional de Língua Chinesa*²³ e, em 2002, criou-se um gabinete

²³ 国家汉语国际推广领导小组 (*guójiā hànyǔ guójì tuīguǎnglǐngdǎo xiǎozǔ*).

nacional para executar e aprofundar o trabalho do Conselho Internacional de Língua Chinesa, mais conhecido pela sua abreviatura (*Hanban*)²⁴. Sob a estratégia de divulgação e apoio do *Hanban*, criou-se o primeiro Instituto Confúcio no mundo em 2004, na Coreia do Sul. O Instituto Confúcio é uma organização sem fins lucrativos, com o objetivo de ensinar e divulgar a língua e cultura chinesas no mundo. Até à data, foram já estabelecidos mais de 430 Institutos, em 116 países.

Em Portugal existem dois Institutos Confúcio: um deles instalado na Universidade do Minho, tendo como parceira a Universidade de Nankai²⁵, e outro na Universidade de Lisboa, tendo como parceira a Universidade de Estudos Internacionais de Tianjin.²⁶ O IC Uminho foi o primeiro estabelecido em Portugal mas, hoje em dia, para além dos Institutos Confúcio, existem outras instituições de ensino superior no país onde são lecionados cursos de língua chinesa, como a Universidade de Coimbra, a Universidade de Aveiro e o Instituto Politécnico de Leiria.

O texto acima traça muito brevemente a história e o desenvolvimento progressivo de CLE, que fundamenta também a premissa do ensino de caracteres e da cultura em contexto da aprendizagem linguística, premissa que iremos apresentar de seguida.

I.2 A CULTURA CHINESA NO ENSINO DA LÍNGUA

²⁴ *Hanban* é a abreviatura para Gabinete do Conselho Internacional de Língua Chinesa (国家汉语国际推广领导小组办公室, *guójiā hànyǔ guójì tuīguǎnglǐngdǎo xiǎozǔ*).

²⁵ Localizada em Tianjin, a Universidade de Nankai (南开大学, *nánkāi dàxué*) é considerada como uma das melhores universidades chinesas na área de CLE.

²⁶ Universidade dos Estudos Internacionais de Tianjin (天津外国语大学, *tiānjīn wàiguóyǔ dàxué*), localizada em Tianjin.

*Todos os atos de língua, sejam escritos ou orais, são uma declaração sobre a posição do autor dentro da estrutura social de uma determinada cultura.*²⁷

A língua e a cultura são dois conceitos intrinsecamente inseparáveis. Toda a língua surge no contexto de uma cultura, fazendo parte e recebendo influências desta. Como uma criança que nasce de uma mãe, a língua transporta os genes de uma cultura e reflete em si própria os seus diversos aspetos e características. Se considerarmos a língua também como um veículo de informação, a cultura serve então para nutrir a respetiva língua que, por sua vez, também a incorpora. Samovar, Porter e Jain sublinham isso mesmo, na seguinte passagem:

*A cultura e comunicação são inseparáveis pois a cultura não só dita quem fala com quem, sobre o quê, e como a comunicação prossegue, como também ajuda a determinar a maneira como as pessoas codificam mensagens, os significados dessas mesmas mensagens, e as condições e circunstâncias sobre as quais várias mensagens podem ser ou não ser enviadas, observadas ou interpretadas... a cultura... é a base da comunicação.*²⁸

²⁷ 1985,13 LE PAGE. Every act of language, be it written or spoken, is a statement about the position of its author within the social structure in a given culture.

²⁸ 1981,24 Culture and communication are inseparable because culture not only dictates who talks to whom, about what, and how the communication proceeds, it also helps to determine how people encode messages, the meanings they have for messages, and the conditions and circumstances under which various messages may or may not be sent, noticed, or interpreted... Culture... is the foundation of communication.

Ou citando Sapir: *A língua não existe separada da cultura, isto é, do conjunto de práticas e crenças sociais hereditárias que determinam o contexto das nossas vidas...*²⁹

De facto, aprender a língua chinesa é também um processo que permite a aquisição de um conhecimento abrangente sobre a cultura chinesa. Por exemplo, o carácter para casamento, 婚 (*hūn*) é composto por duas partes, um radical de mulher 女 (*nǚ*) e o carácter anoitecer 昏 (*hūn*). Aliás, antigamente, 婚 (*hūn*) apenas era escrito 昏 (*hūn*) sem o radical de mulher 女, sendo que, para além de ter o sentido “casar”, correspondia ao seu significado original “anoitecer”. Será que esta evolução do carácter indicia alguma transição de um regime matriarcal para patriarcal?³⁰ Certo é que o casamento tradicional se realizava entre o fim da tarde e o início da noite. Posteriormente, acrescentaram o radical de mulher 女 (*nǚ*) para esta ação ser mais precisa, ou seja, casar com uma mulher ao fim da tarde. De resto, o verbo casar, em chinês, assume duas formas conforme diga respeito a homens ou mulheres. Especificamente para homem, o verbo “casar” é 娶 (*qǔ*), tendo o carácter dois componentes: a parte superior 取 (*qǔ*), significa ir buscar alguma coisa, e a inferior é, como já vimos, o radical de mulher 女 (*nǚ*); então casar para ele consiste em ir buscar uma noiva, trazendo-a para a casa da família. Quando dirigido a uma mulher, o mesmo verbo escreve-se 嫁 (*jià*), com o radical de mulher 女 (*nǚ*) à esquerda e o carácter 家 (*jiā*), casa, à direita. Portanto o sentido de casar para uma mulher na cultura chinesa, como de resto em muitos outros países estrangeiros, é o de uma menina que construirá uma nova família.

²⁹ 1921,207...language does not exist apart from culture, that is, from the socially inherited assemblage of practices and beliefs that determines the texture of our lives...

³⁰ Cf. LIU,1995.

Como podemos constatar no exemplo mencionado, o conhecimento da influência cultural na aplicação e uso da língua chinesa é fundamental. Às vezes, apesar de o uso de uma palavra ser gramaticalmente correto, a contextualização cultural desse mesmo termo pode produzir efeitos indesejados. Como Kramersch refere:

A cultura na aprendizagem de uma língua não é um quinto elemento dispensável, colado, por assim dizer, ao ensino da fala, escuta, leitura e escrita. É um elemento que está sempre presente, desde o primeiro dia... desafiando a habilidade dos aprendizes de dar sentido ao mundo que os rodeia. ³¹

Por exemplo, conheci um senhor português que já estudara chinês há muitos anos e que, querendo perguntar a minha idade, usou a frase: 您今年贵庚? (*nín jīnnián guìgēng?*) *Quantos anos é que tem?* Esta frase é muito bem construída e bastante nativa; também nada há a criticar ao nível da gramática. O problema é que, culturalmente, 贵庚 (*guìgēng*) ou *idade de graça*, só se utiliza perante uma pessoa idosa, como os avós. Se utilizarmos esta frase com uma jovem chinesa, significa que se está a brincar ou a considerá-la velha.

A língua contém aspetos culturais que podem ser, e são-no frequentemente, excelentes vias de acesso à sua cultura original. Aprender e compreender a cultura chinesa contribui simultaneamente para o progresso e uso reflexivo da língua. Logo, o ensino da cultura chinesa desempenha também um papel imprescindível no ensino genérico de CLE.

³¹ 1998,1 Culture in language learning is not an expendable fifth skill, tacked on, so to speak, to the teaching of speaking, listening, reading, and writing. It is always in the background, right from day one... challenging (learners') ability to make sense of the world around them.

A introdução de conteúdos culturais não deve ter por único objetivo a promoção e divulgação da cultura chinesa no estrangeiro, deve sobretudo ser um instrumento metodológico, que permita acrescentar informação linguística e cultural que permita reduzir as dificuldades provocadas pelos diferentes contextos da comunicação intercultural. A cultura constitui um aspeto indispensável ao ensino do chinês, não significando todavia isto que a informação cultural deva representar a maioria dos conteúdos lecionados. Isto também não significa que os alunos, para além da aprendizagem da língua chinesa, tenham necessidade de dominar todos os detalhes desta cultura. Na prática do ensino de língua chinesa devemos prestar atenção a todas as ocasiões para abordar, de forma adequada, temas culturais.

Para tal desiderato podemos apontar alguns tipos de abordagem ou metodologia a utilizar, como segue:

a) **Aprofundamento gradual.** O ensino da língua chinesa valoriza muito o desenvolvimento progressivo das suas matérias, em paralelo com o estudo da cultura. Todas as metodologias e instrumentos utilizados por um professor na sala de aula exigem um trabalho de adaptação aos diferentes níveis dos alunos, à competência cognitiva de cada um e respetivas necessidades práticas de comunicação, aumentando como que em espiral, e gradualmente, conhecimentos alcançáveis que vão ao encontro dos objetivos de aprendizagem definidos. Atenda-se ao exemplo dos níveis de iniciação e elementar, em que os alunos apenas adquirem conhecimentos básicos de língua e, na generalidade, estão mais sujeitos à influência da língua materna, o que dificulta a produção de expressões adaptáveis à língua de chegada. Neste seguimento, para um maior interesse por parte dos alunos na aprendizagem da língua e da cultura (sendo esta, como já referimos, importante auxiliar da primeira), o professor pode

introduzir conhecimentos comuns a ambas as culturas, que não dependam tanto de contexto cultural e que sejam passíveis de aplicação de uso quotidiano. Posteriormente, quando o nível de língua alcança um estágio superior, torna-se possível aprofundar e desenvolver a abordagem cultural, designadamente contrastiva.

b) **Praticabilidade.** O objetivo comum à maioria dos alunos estrangeiros que estudam chinês é alcançar um nível de proficiência que permita uma comunicação quotidiana. Assim, é necessário que, no ensino de CLE, todos os conhecimentos culturais relevem do mais prático possível, com alguma relação com e aplicabilidade à vida quotidiana. Ou seja, é desejável que os alunos possam aplicar de forma adequada os conteúdos estudados em aula. Quando estes começam a ser capazes de utilizar a língua chinesa em situações de comunicação prática, a motivação e o entusiasmo pela sua aprendizagem aumentam, o mesmo acontecendo com o interesse pela cultura chinesa. Um exemplo: uma pequena abordagem sobre a temática “férias” antes das mesmas, pode ajudar os alunos a desenvolverem competências comunicacionais em contexto de viagem, ou outro. Há já vários anos tornou-se hábito a celebração do “Festival da Primavera”³² no IC Uminho, celebração na qual os alunos participam, sendo a temática e respetivas tradições alvo de estudo em aulas anteriores. Aquando da celebração do festival, os estudantes, de forma natural, participam nas festividades, desejando em chinês: 新年好! (*xīnniánhǎo*) *Bom Ano Novo Chinês!* 春节快乐! (*Chūnjié kuàilè*) *Feliz Festival da Primavera!* Da mesma forma, não se mostram surpresos com as respetivas tradições, rituais e vestuário correspondente.

c) **Moderação.** O ensino de cultura a alunos estrangeiros em fase de iniciação deve ser adaptado às necessidades do ensino de língua. O objetivo do ensino de língua

³² A partir de 1914, o ano novo chinês passou a ser considerado como o Festival da Primavera (春节, *chūnjié*). NdA

chinesa a alunos de nível básico consiste em dotá-los de um léxico e regras gramaticais que lhes permitam, o mais cedo possível, o uso da língua com alguma fluência, bem como diminuir lacunas e barreiras ao nível da comunicação. Em consequência, nesta fase, não será necessário transmitir demasiados conteúdos culturais. Caso se fizesse uma abordagem excessiva a temas de cultura, tal seria porventura prejudicial ao progresso da aprendizagem linguística, trazendo uma pressão desnecessária com o resultado previsível de alguma perda de motivação. A introdução da cultura chinesa no ensino da língua deve ter sempre como finalidade, neste particular, o estudo e a compreensão da língua, tendo o cuidado de não afogar os alunos no vasto mar da referida cultura. Caso os alunos consigam entender e utilizar corretamente o(s) conteúdo(s) propostos em aula e, ao mesmo tempo, compreender alguns dos aspetos culturais àqueles associados, a introdução à cultura no âmbito do ensino de língua terá atingido o seu objetivo.

Tornou-se evidente, no seguimento do quanto tem vindo a ser referido, que o ensino de CLE tem a necessidade de conteúdos culturais. No entanto, a forma de divulgar eficazmente cultura no contexto do ensino da língua, bem como no processo de harmonizar, uniformizar e equilibrar esta divulgação em simultâneo com a aprendizagem da língua, continua a exigir reflexão. Para além disso,

*Tanto o ensino de língua como de cultura, implica que os próprios professores tenham um conhecimento relativamente claro da cultura chinesa. É difícil para uma pessoa que não sabe nada da sua própria cultura ganhar o respeito dos outros...*³³

³³ 2010, 327 ZHOU. 不管语言教学还是文化教学, 教师都要对中国文化有一个比较清晰的认识, 一个对自己的文化缺乏了解的人是很难得到别人尊重的。

Assim, assume-se como necessária a realização continuada de experiências, análises e reflexões que permitam melhorar as metodologias na prática do ensino, para que o ensino de CLE se torne cada vez mais prático, viável e eficaz.

I.3 IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ESCRITA CHINESA

O que é a língua? Wardhaug afirma que *é um conhecimento das regras, princípios e da maneira de dizer e fazer coisas com sons, palavras e frases e não apenas conhecimento sobre sons, palavras e frases específicas.*³⁴

A escrita é um sistema simbólico de registo gráfico deste conhecimento mencionado. Quando se estuda uma língua, sobretudo estrangeira, é necessário aprender simultaneamente a escrita que serve para a registar. Aliás, a aprendizagem de uma língua inclui quatro dimensões: audição, oralidade, leitura e escrita. É possível conseguir competências básicas de audição e oralidade, quando não existem preocupações de eficácia operativa de outra ordem, ouvindo e falando em contexto quotidiano.

A escrita chinesa engloba um sistema complexo de três ou quatro mil caracteres de uso frequente, o que torna a aprendizagem particularmente difícil e trabalhosa. Para além disso, os caracteres possuem cerca de cinco mil anos. Ao longo da história passaram por alterações e arranjos semânticos e fonéticos, o que implicou várias fases de evolução da escrita até aos nossos dias, aumentando o nível de complexidade na sua associação e/ou compreensão sincrónicas e diacrónicas, pelo que, compreensivelmente,

³⁴ 2002, 2 It is a knowledge of rules and principles and of the ways of saying and doing things with sounds, words, and sentences rather than just knowledge of specific sounds, words, and sentences.

se bem que o estudo da história dos caracteres possa, a longo prazo, ajudar, a sua primeira aprendizagem torna-se mais difícil.

Em suma, a língua chinesa que ensinamos aos alunos é, de facto, uma língua com um registo simbólico que possui vários milhares de ícones quadrados, com formas, significados e pronúncias complexas. Este aspeto é o que melhor caracteriza a língua e escrita chinesas, conseqüentemente, podemos afirmar que o alicerce da aprendizagem do chinês reside no conhecimento dos seus caracteres. O verbo conhecer, aqui, para além de um sentido mais comum que se refere a um certo domínio cognitivo dos mesmos (caracteres), implica sobremaneira a competência ao nível da sua execução gráfica e adequada utilização em contexto frásico³⁵. De acordo com o *Esquema de Vocabulário para Nível de Proficiência de Língua Chinesa*³⁶, publicado em 1992 pelo *Hanban*, a quantidade de vocabulário exigível aos alunos estrangeiros num nível avançado de CLE é de 2.900 caracteres. Embora este número não seja difícil para um falante nativo, para alunos estrangeiros esta fasquia torna-se menos fácil de atingir, atendendo que, para além disso, têm simultaneamente que dominar a técnica da sua execução gráfica³⁷, pronúncia e significado.

No seguimento de toda esta sucessão de argumentos e factos, de novo se realça a indispensabilidade de um enfoque sério no ensino de escrita chinesa para a aprendizagem do chinês em geral, o que, porventura, será bem menos crucial no que respeita às línguas com escritas maioritariamente fonográficas.

³⁵ Convém ter sempre presente, sobretudo para quem não teve qualquer iniciação ao chinês, que a escrita chinesa não é, longe disso, um imenso conjunto de “desenhinhos” quadrados; a escrita chinesa é, passe a redundância, uma **escrita**. NdA.

³⁶ *Esquema de Vocabulário para o Nível de Proficiência de Língua Chinesa*, 汉语水平词汇与汉字等级大纲 (*hàn yǔ shuǐpíng cíhuìyǔ hàn zìděng jí dà gāng*).

³⁷ A ordem e o sentido dos traços, etc., o que, segundo experiência de docência e testemunho de alunos portugueses, se adquire com alguma facilidade e rapidez. NdA

Outro aspeto relevante no sentido de se realçar a importância do ensino da escrita é o facto dos caracteres chineses serem a unidade elementar semântica e fonética da língua. Daí poder-se afirmar que o chinês é uma língua, pelo menos originalmente, monossilábica. O carácter é a unidade estrutural básica da língua e escrita chinesas, sendo foneticamente sílaba e semanticamente conceito, ou seja: *um carácter, uma sílaba, um conceito*. De tudo quanto foi sucintamente referido decorre que deve ser o estudo dos caracteres base do estudo/aprendizagem correta e eficaz da língua chinesa, a fonética, o vocabulário, a gramática, etc.

Embora seja inegável a dificuldade da aprendizagem da escrita chinesa, sem este estudo, porventura trabalhoso, torna-se marcadamente incompleta e incorreta a aprendizagem da língua e cultura chinesas, aspetos que nunca deverão ser dissociados. Durante muito tempo, e na tentativa de utilizar as mesmas metodologias de ensino de outras línguas, o ensino dos caracteres não terá sido suficientemente valorizado, não merecendo particular atenção no ensino de CLE. Todavia, como *Yang Guozhang* oportunamente refere:

Nós devemos organizar a atividade didática conforme as características de cada língua. Não podemos apagar as características da língua chinesa e substituir a nossa metodologia pela metodologia das outras línguas, e ainda não podemos tratar as características da língua chinesa como o ponto fraco para o conquistar... devemos trabalhar no ensino de CLE e no seu estudo com os nossos únicos aspetos de chinês. ³⁸

³⁸ 1990, 25 我们应当根据不同的语言特点来组织教学，不能把汉语的特点抹掉，用其他语言的教学法来替代汉语教学法，更不能把汉语的特点当成弱点来加以克服.....应当按照汉语固有的特点去从事我们的对外汉语教学和研究。

A atual corrente majoritária defende que, para um ensino eficaz de CLE, se impõe seguir cuidadosamente as especificidades da língua chinesa, o que implica o fortalecimento do ensino da escrita, em todas as suas vertentes didáticas.

CAPÍTULO II
ESCRITA E CULTURA CHINESAS

II.1 ORIGEM, EVOLUÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS CARACTERES CHINESES

O sistema de escrita chinesa e os seus caracteres (汉字, *hànzì*), em particular, têm a sua génese no início da civilização chinesa.³⁹ A evolução do sistema de escrita acompanhou o desenvolvimento da identidade cultural, bem como a história desta civilização. Os caracteres chineses são por isso considerados testemunhos da cultura e da civilização sónicas. A denominação dos caracteres em chinês, 汉字 (*hànzì*), reflete essa ligação profunda com a história e a cultura. De facto, o segundo elemento da palavra, 字 (*zì*), só por si, significa carácter ou escrita⁴⁰, no entanto, utiliza-se 汉字 (*hànzì*), para enfatizar a sua dimensão nacional. O termo 汉 (*hàn*) refere-se à etnia *Han* (汉族, *hànzú*), cuja população é a mais numerosa de entre as 56 etnias existentes na China, sendo as restantes consideradas minorias étnicas.

Ao longo da história do país existiram vários regimes de domínio étnico minoritário⁴¹, como a dinastia Yuan (元代, *yuándài*)⁴² e dinastia Qing (清代, *qīngdài*)⁴³. Nestas eram utilizados sistemas de escrita próprios, como o *Mongol Antigo* (蒙语, *méngyǔ*), no caso da dinastia Yuan, e o *Manchu* (满语, *mǎnyǔ*) durante a dinastia Qing. Todavia, a etnia *Han*, bem como a sua cultura, foi dominante em grande parte da história do império. Os *Han* contribuíram de forma significativa para a definição de uma cultura e identidade chinesas, sendo os caracteres um desses

³⁹ Cf. LI, 1996.

⁴⁰ No âmbito de Chinês Moderno, porque na antiguidade 字 (*zì*) indicava apenas um tipo de caracteres. NdA

⁴¹ A partir da uniformização da China em 221 a.C., a etnia *Han* desempenhou sempre o papel dominante na maioria das dinastias seguintes, comparativamente, os regimes de domínio minoritário foram poucos. NdA.

⁴² Dinastia Yuan: 1271-1368 d.C.

⁴³ Dinastia Qing: 1616-1911 d.C.

contributos. Hoje em dia adota-se o nome 汉字(*hànzì*), cuja tradução literal é “carácter Han”, para referir os caracteres chineses ou a escrita chinesa.

II.1.1. ORIGEM DOS CARACTERES

A origem dos caracteres tem sido alvo de vários debates, não existindo consenso no que respeita ao local, momento ou forma como surgiram. Existem várias teorias e lendas a esse respeito. Alguns estudos arqueológicos defendem que os caracteres, ou melhor, os primeiros ícones chineses, existem desde a época *Yangshao* (仰韶, *yǎngsháo*), no Neolítico, antecedendo outros sistemas de escrita como os encontrados no Egito e na Mesopotâmia. A cultura *Yangshao*, que se desenvolveu nas margens do *Rio Amarelo* (黄河, *huánghé*), entre 5000 e 3000 a.C., é considerada o berço da cultura chinesa. Um pedaço de cerâmica contendo onze caracteres (Ilustração 1)⁴⁴, encontrado em *Dinggong* (丁公, *dīnggōng*), na província de *Shandong* (山东, *shāndōng*), levantou algum debate sobre se estes eram parte integrante de um sistema de escrita relacionado com aquele que é utilizado atualmente. *Cheung Kwong-Yue*⁴⁵ sugere que vestígios de escrita encontrados em cerâmica nas escavações realizadas em *Banpo* (半坡, *bànpō*) e *Jiangzhai* (姜寨, *jiāngzhài*)⁴⁶, permitem propor uma data por volta do ano 4000 a.C. para o aparecimento da primeira forma primitiva de caracteres chineses.⁴⁷

⁴⁴ Cf. BOLTZ, 1994.

⁴⁵ Cheung Kwong-Yue (张光裕 *zhāngguāngyù*).

⁴⁶ Ambas as localidades ficam na província de *Shaanxi* (陕西省 *shǎnxīshěng*).

⁴⁷ Cf. CHEUNG, 1983.



Ilustração 1: Onze caracteres encontrados em Dinggong, Shandong

Acompanhando o desenvolvimento dos primeiros ícones chineses, por volta de 2000 a.C. já se pode afirmar a existência de um vocabulário limitado mas útil para a vida quotidiana, com uma certa quantidade de ícones. Este vocabulário evoluiu e cresceu ao longo da história, com uma óbvia diversificação, em termos semânticos e pragmáticos.

As inscrições encontradas nos *Ossos de Oráculo* (甲骨文, *jiǎgǔwén*) da dinastia Shang (商代, *shāngdài*)⁴⁸ constituem a mais antiga coleção de grafos e são já um sistema de escrita desenvolvido. Essas inscrições, essencialmente gravadas em omoplatas de boi e carapaças de tartaruga, são indiscutivelmente consideradas como protótipos dos caracteres chineses, apesar de, à primeira vista, a relação desses grafos com os caracteres contemporâneos ser dúbia.

As teorias sobre a história e evolução da escrita chinesa podem ser divididas em dois grupos: um primeiro que agrega teorias sobre o pré-período dos caracteres e um segundo, que aborda a própria criação da escrita chinesa. Dentro desses dois grupos,

⁴⁸ Dinastia Shang: 1600-1046 a.C.

consideramos mais relevantes e representativos, o Registo de Nós e a Criação dos Caracteres por *Cang Jie* (仓颉, *cāngjié*).

O *Registo de Nós* (结绳记事, *jiéshéng jìshì*) era um instrumento utilizado na comunicação, porventura semelhante ao *Quipo* dos Incas⁴⁹, antes do aparecimento de um efetivo sistema de escrita. A primeira referência ao Registo de Nós encontra-se no “Livro das Mutações”⁵⁰:

*Nos tempos remotos, tinham utilizado o registo de nós para governar o seu território, posteriormente os santos criaram os caracteres e mudaram o registo de nós para a escrita gravada.*⁵¹

Ou ainda,

*“Nos tempos antigos não existia a escrita, quando chegaram a ter promessa um com o outro, faziam nós. O maior nó para os assuntos mais importantes e o menor para os menos importantes, e a quantidade de nós dependia de quantas coisas é que iam fazer. Ambas as partes ficavam com o mesmo registo e serviam depois como comprovativo. Assim era a forma dos antigos para gestão social.”*⁵²

Podemos assim concluir que o funcionamento do registo de nós, através da variação de tamanho e quantidade, permitia um certo acervo de registos. Embora hoje em dia só consigamos provar o registo de nós mediante citações de textos antigos algo

⁴⁹ Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quipo>.

⁵⁰ *Livro das Mutações, I Ching* ou *Zhou Yi* (周易, *zhōuyì*) é um clássico chinês sobre a filosofia e a cosmologia.

⁵¹ 《周易·系辞下》：“上古结绳而治，后世圣人易之以书契。”

⁵² 《周易正义》：“古者无文字，其有约誓之事，事大大结其绳，事小小结其绳，结之多少，随物众寡；各执以相考，亦足以相治也。”

dispersos, a sua existência é reconhecida pela generalidade da comunidade científica e intelectual. O sinólogo e historiador *Tanglan* (唐兰, *tánglán*) faz notar que os primeiros cinco números chineses: 一 (*yī*), 二 (*èr*), 三 (*sān*), 四 (*sì*) e 五 (*wǔ*) tiveram proveniência no registo de nós. Além disso, também o ábaco (算盘, *suànpán*) se deve contar como um sobrevivente credível do uso deste registo.

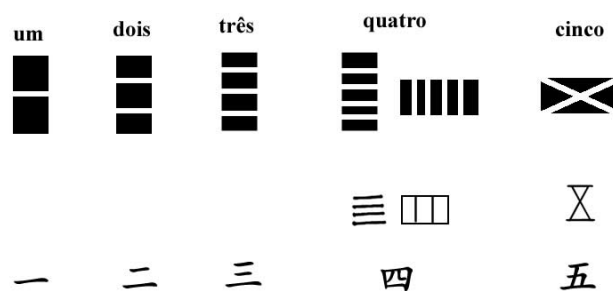


Ilustração 2: Número 1 a 5 em registo de nós e a sua forma de escrita moderna



Ilustração 3: O ábaco chinês

Existem várias lendas sobre as origens do sistema de escrita e caracteres chineses. *Cang Jie*, que terá sido um historiador do imperador Amarelo⁵³, por volta de 2600 a.C., protagoniza uma dessas lendas. Apesar de, até à data, não ter sido encontrada qualquer documentação que suporte a existência desta figura, a lenda assume um papel de destaque. Diz-se que com o desenvolvimento da sociedade antiga, o sistema de nós se

⁵³ O Imperador Amarelo (黃帝, *huángdì*) é considerado como um dos cinco imperadores lendários da China.

tornara um meio de registo insuficiente, incapaz de estar à altura da comunicação de atividades e ideias. O historiador *Cang Jie* propôs-se então resolver o problema. Após várias tentativas falhadas, encontrou um dia, na floresta, pistas de animais que o inspiraram a criar um tipo de escrita capaz de retratar as características essenciais de tudo quanto existe, ou seja, porventura, a origem do pictograma que, de uma maneira geral, é aceite como o proto-sinograma. De acordo com a obra *Explicação e Análise dos Caracteres*⁵⁴, *Cang Jie viu as pistas dos animais, reparando que, através das diferenças de pistas, se distinguem todos os tipos de animais, e daí inspirou-se para criar a escrita.*⁵⁵ Noutra passagem podemos também ler que *no início da sua criação, adotava o pictograma para a escrita.*⁵⁶

Num outro texto sobre temáticas da literatura chinesa, *O Coração de Literatura e a Escultura de Dragões*⁵⁷, refere-se que *a forma de registo de nós foi legado pela criação da escrita, (...) resulta da observação de pistas de animais.*⁵⁸ Para além da lenda de *Cang Jie*, existem outras fontes, tais como *Ba Gua*⁵⁹ e *Luo Shu He Tu*⁶⁰, que tentam identificar a natureza e origem dos caracteres chineses.

⁵⁴ *Explicação Etimológica dos Caracteres*, (说文解字, *shuōwénjiězì*), foi o primeiro livro a sistematizar as regras na formação dos caracteres e os seus significados.

⁵⁵ 《说文解字叙》：“黄帝之史仓颉，见鸟兽蹄远之迹，知分理之可相别异也，初造书契。”

⁵⁶ 《说文解字》：“仓颉之初作书，盖依类象形。”

⁵⁷ *O Coração de Literatura e a Escultura de Dragões*, (文心雕龙, *wénxīndiāolóng*), é uma obra importante da estética literária chinesa.

⁵⁸ 《文心雕龙·练字》：“文像立而结绳移，鸟迹明而书契作”。

⁵⁹ *Ba Gua* (八卦, *bāguà*) é o conceito de oito trigramas da filosofia fundamental da antiga China.

⁶⁰ *Luo Shu He Tu* (洛书河图, *luòshūhé tú*) é um diagrama de nove quadrados que servia para a adivinhação.



Ilustração 4: Ba Gua (八卦, *bāguà*)

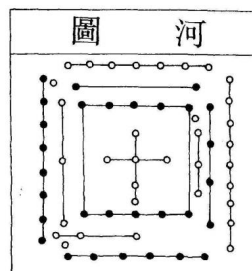


Ilustração 5: Luo Shu He Tu, (洛书河图, *luòshūhé tú*)

Apesar de não ser possível avaliar o quanto estes textos, lendas e arquiteturas filosóficas, são úteis para a pesquisa da origem dos caracteres chineses, será possível concluir, com base nas suas mais antigas formas e testemunhos, que os primeiros caracteres eram pouco mais que desenhos representativos de elementos da natureza ou da vida cotidiana.



Ilustração 6: Formas antigas dos caracteres⁶¹

II.1.2. EVOLUÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS CARACTERES

⁶¹ Da esquerda para a direita 首 (*shǒu*, cabeça), 齿 (*chǐ*, dente), 鹿 (*lù*, veado), 马 (*mǎ*, cavalo), 象 (*xiàng*, elefante) e 车 (*chē*, veículo).

Depois da “criação” da escrita chinesa, ou mais precisamente, de uma forma mais eficiente de armazenar registos, ao longo de vários séculos e em virtude da grande extensão do território chinês, desde os seus primórdios, um mesmo carácter podia assumir várias formas de escrita⁶² sob diferentes soberanias. Este facto dificultava a gestão política e a comunicação quotidiana, bem como o comércio entres os, já então, extensíssimos territórios. Por volta de 221 a.C., *Qin shi Huang*, primeiro imperador de uma China unificada, promulgou um decreto intitulado *Shu Tong Wen* (书同文, *shū tóng wén*)⁶³ a fim de normalizar e simplificar a forma de escrita. A partir deste decreto, e apesar de posteriormente ainda terem permanecido muitos estilos de escrita arcaica, os caracteres iniciaram um processo de uniformização, aproximando-se gradualmente dos que são hoje utilizados.

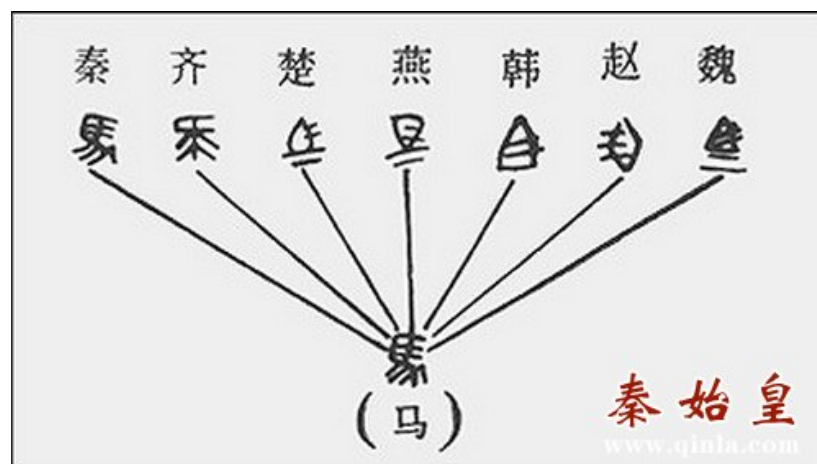


Ilustração 7⁶⁴: Carácter *cavalo* (马 *mǎ*): antes e depois de uniformização⁶⁵

⁶² No entanto, não existiam grandes diferenças de formas, ou seja, tinham sempre algumas componentes picto ou ideográficas comuns. Por exemplo, o aspeto de crina esteve sempre associado ao carácter de cavalo na escrita das diferentes dinastias. NdA

⁶³ 书同文 (*shū tóng wén*) é uma regra que corresponde, em português, a 书 (*shū*-escrever), 同 (*tóng*-igual), 文 (*wén*-escrita), ou seja, uniformização da escrita.

⁶⁴ Cf. www.qinlai.com.

⁶⁵ Formas diferentes do mesmo carácter, provenientes de vários soberanos, evoluíram para uma forma unificada. NdA

Neste contexto, a evolução e normalização da escrita chinesa conheceu duas etapas. Depois de, numa fase inicial, os caracteres terem convergido para uma aparência cada vez mais arredondada, posteriormente assumiram um formato quadrangular e os traços tomaram um aspeto mais retilíneo. Por exemplo, o carácter *sol* (日, *rì*) que inicialmente possuía uma representação icónica muito realista, transformou-se gradualmente no atual carácter com quatro traços num quadrado. Isto significa que, no processo evolutivo dos caracteres, se manteve a interpretação original dos códigos facilitando-se e regularizando-se, no entanto, a forma de escrita.



Ilustração 8: Evolução do carácter sol (日 *rì*)

De uma maneira geral, o amadurecimento da escrita chinesa pode dividir-se em três grandes fases: época de desenhos, época de desenhos com escrita simples, e época de escrita complexa. Nas primeiras duas épocas, os desenhos e ícones eram a forma essencial da comunicação, posteriormente, através de uma arrumação e regularização, os desenhos começaram gradualmente a tomar uma forma mais modelada.

As mudanças na forma dos *grafos* estão intimamente ligadas à evolução das ferramentas e materiais de suporte da escrita. As inscrições em ossos e carapaças de tartarugas (甲骨文, *jiǎgǔwén*) eram gravadas com o auxílio de facas ou cutelos, o que, naturalmente, se traduzia em traços irregulares. Assim sendo, a forma destes proto-caracteres não era nem muito arredondada nem retilínea. Passaram depois a ser utilizadas placas de solo, em vez de ossos e carapaças, bem como pauzinhos de

madeira para “escrever” sobre estas. Para preservar a escrita, moldaram-se também placas de bronze que, neste caso, implicavam caracteres com um formato mais curvilíneo, a fim de reduzir espaço ao canto da moldagem.

Já a invenção do papel, no período de 金文 (*jīnwén*), provocou uma verdadeira revolução no tipo de materiais utilizados para escrever. Posteriormente, em virtude da difusão do pincel, as escritas antigas foram rapidamente substituídas por novas técnicas, a forma dos caracteres tornou-se mais quadrangular e os seus traços mais próximos de uma escrita cuneiforme.

A mudança do aspeto dos caracteres passou por duas fases: a escrita antiga e a escrita contemporânea, surgindo em cada um destes contextos vários estilos.

	A	B	C	D
	甲骨文	金文	籀文	小篆
天, tiān, céu				
子, zǐ, criança				
马, mǎ, cavalo				
车, chē, carrinha				

Ilustração 9: Caracteres em diferentes fases

São alguns exemplos os estilos 甲骨文 (*jiǎgǔwén*), 金文 (*jīnwén*), 籀文 (*zhòuwén*) e 篆文 (*zhuànwén*), classificados como escrita antiga, enquanto os estilos 隶书 (*lìshū*), 草书 (*cǎoshū*), 楷书 (*kǎishū*) e 行书 (*xíngshū*) são tidos como escrita(s) contemporânea(s). O fim da dinastia Qin (秦朝, *qíncháo*)⁶⁶ e início de dinastia Han (汉朝, *hàncháo*)⁶⁷ marcam a transição entre estas duas etapas no desenvolvimento e evolução da escrita. Pensamos que é relevante ter uma ideia desta perspetiva diacrónica.

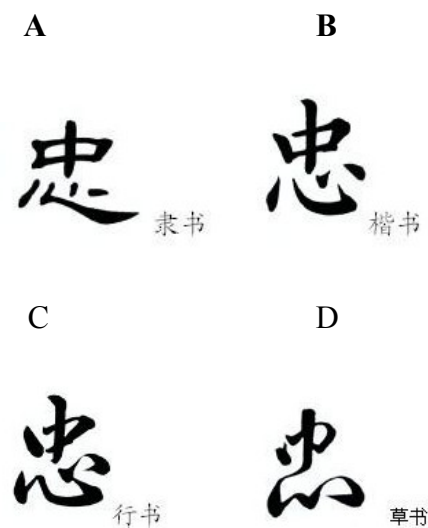


Ilustração 10: Carácter de fidelidade em diferentes estilos

Grande parte das línguas ocidentais, tais como o Português, o Francês, ou o Inglês, são línguas de registo híper-maioritariamente fonográfico. Como se sabe, a palavra “fonografia” é decomponível nos conceitos de som e registo escrito, pelo que, naturalmente, “línguas fonográficas”⁶⁸ serão aquelas cujas palavras podem ser

⁶⁶ Dinastia Qin: 221-207 a.C.

⁶⁷ Dinastia Han: 202 a.C.-220 d.C.

⁶⁸ Mantemos esta designação mais usualmente divulgada, embora com a consciência de que tecnicamente não seja a mais adequada. NdA

pronunciadas diretamente a partir da escrita. No entanto, uma pessoa que não possua qualquer conhecimento prévio da língua, através da simples leitura fonética não poderá atingir a semântica do texto, mesmo que lido corretamente. No caso particular dos caracteres chineses constata-se maioritariamente o inverso. O Chinês, que possui um dos sistemas de escrita “viva” mais antigo do mundo, é constituído por ícones ou pictogramas que permitem registar informações. Isto quer dizer que, ao contrário da fonografia, a leitura de um carácter pode não possuir qualquer relação com o seu grafismo, todavia, a forma pode transmitir ideias porventura complexas. Alguns caracteres do alfabeto derivam também de formas icónicas de representação da realidade, como seja por exemplo o “A”, cuja origem será um antigo pictograma para touro (*aleph*)⁶⁹ que, ao longo do tempo, foi sofrendo alterações múltiplas até atingir uma simplificação extrema, eliminando as suas partes mais expressivas, dando assim lugar à cristalização de uma forma quase puramente abstrata, sem qualquer associação a “touro”. Contrariamente, essa associação continua presente nos caracteres chineses. Em primeiro lugar, estes afiguram-se como “desenhos”, ou melhor, representam imagens ou retratos da vida e da natureza. Em segundo lugar, neste tipo de escrita originalmente pictográfica, os já referidos “desenhos” icónicos transmitem ideias e conceitos num processo marcadamente visual e associativo. A título de exemplo, caso se pretenda uma palavra da língua portuguesa e da língua chinesa que identifique a cavidade entre os lábios, escreve-se, respetivamente, boca e 口 (*kǒu*). Em português, a palavra é fonograficamente registada; seria mais fácil a um não falante lê-la do que alcançar o seu significado, num primeiro contacto. No entanto, se olharmos para o carácter de boca em chinês, verifica-se precisamente o contrário: um estrangeiro pode com alguma facilidade compreender a ideia representada, através da sua simples observação (Ilustração 11), sem nada saber relativo à sua pronúncia.

⁶⁹ Alfabeto fenício.



Ilustração 11: A imagem de boca e os seus caracteres antigo e moderno

Para além de podermos caracterizar a escrita chinesa como semiográfica, devemos ir ainda mais longe na compreensão do quanto a escrita se encontra direta e intrinsecamente conectada com a sua própria cultura.

...uma escrita que foi vista como não relacionada com a linguagem oral, e que pelo contrário pensava-se que registava e continha o significado através de um apelo imaginário à visão e mente sem qualquer recurso a palavras e sons.⁷⁰

II.2 LIGAÇÃO ENTRE CARACTERES E CULTURA CHINESA

Os caracteres, como uma escrita histórica e uma produção das atividades psicológicas dos antigos, permitem, de facto, registar a língua e transferir o conceito mas, simultaneamente, também inscrever e preservar inúmeras informações culturais. Além do mais, como uma escrita capaz de transmitir ideias por si só, os caracteres frequentemente refletem determinada informação cultural da antiga sociedade, através das suas mudanças fonética, semântica e sintática.⁷¹

⁷⁰ 1994, 3 BOLTZ. ...a script that was looked upon as unrelated to the spoken language, and that instead was thought to register and convey meaning directly through some imagined appeal to the eye and mind without any recourse to words or sounds.

⁷¹ Cf. LIU,1995.

Ou seja, a escrita, e em particular os caracteres, para além de serem uma ferramenta da língua, desempenham um papel de veículo cultural. Li e Zang defendem isso mesmo ao afirmarem que *alguns caracteres tiveram alterações da forma na evolução mas alguns não, seja como for, todos têm veiculado as informações culturais ao longo da história.*⁷²

Nos primórdios da humanidade, o homem recebeu as primeiras impressões do universo infinito e da natureza misteriosa, transmitindo e interpretando as sensações e dúvidas de um mundo desconhecido na forma de desenhos. Esses desenhos tornaram-se, progressivamente, uma forma embrionária de escrita. A maioria das escritas que existem ou existiram no mundo é proveniente de desenhos, ou melhor, de representações de fenómenos da natureza que posteriormente adquiriram um conjunto de regras de registo. Comparando as escritas cuneiforme dos sumérios, hieroglífica dos egípcios, a escrita grega clássica e os caracteres chineses antigos, pode-se observar que todas estas tiveram a sua origem em pictogramas e ideogramas. Apesar de surgirem em épocas diferentes e de seguirem processos de desenvolvimento distintos, todas elas procuraram transmitir as mesmas ideias, numa tentativa de retratar a natureza. Apesar de, ao longo da história, algumas destas civilizações mais antigas terem perdido as suas formas de escrita originais, os caracteres chineses continuaram a existir, desenvolvendo-se até hoje, influenciando e sofrendo influências da cultura chinesa. Podemos afirmar que a China é civilizada pela sua escrita. Os caracteres por si só, para além de formarem um sistema codificado de escrita, transportam uma abundância de informação histórica e cultural, atingindo um valor imprescindível e insubstituível.

⁷² 1997, 5 汉字在形体结构的历史发展过程中或变或不变, 而所涵盖的历史文化信息却总是随着时间的推移而流动不居。

O conceito de cultura é muito vasto e abstrato, tornando-se difícil defini-lo de uma forma simples e concisa. De uma maneira geral, consideramos que a cultura é um fenómeno social, um produto formado e criado pelo ser humano ao longo do tempo. A cultura é também um fenómeno histórico, uma acumulação da história social. Aliás, numa perspetiva mais concreta, esta pode ter uma dimensão nacional no âmbito da história, geografia, cultura popular, tradição, maneiras de viver e de pensar, arte, literatura, valores, entre outros. Como Bank escreveu:

*Hoje em dia a maior parte dos sociologistas defende uma visão de que a cultura consiste basicamente nos aspetos simbólicos, ideacionais, e intangíveis das sociedades humanas. A essência de uma cultura não está nos seus artefactos, ferramentas, ou outros elementos culturais tangíveis, mas sim na maneira como os membros de um grupo os interpretam, utilizam e compreendem. São os valores, símbolos, interpretações e perspetivas que distinguem as pessoas nas sociedades modernas; não são os objetos materiais e outros aspetos tangíveis das sociedades humanas. As pessoas dentro de uma cultura normalmente interpretam o significado de símbolos, artefactos e comportamentos de maneira igual ou similar.*⁷³

Na expressão antiga, o termo cultura, 文化 (wénhuà), estava relacionado com a imposição da força. Sendo que 文 (wén) significa escrita⁷⁴ e 化 (huà) educar ou

⁷³ 1998 Most social scientists today view culture as consisting primarily of the symbolic, ideational, and intangible aspects of human societies. The essence of a culture is not its artifacts, tools, or other tangible cultural elements but how the members of the group interpret, use, and perceive them. It is the values, symbols, interpretations, and perspectives that distinguish one people from another in modernized societies; it is not material objects and other tangible aspects of human societies. People within a culture usually interpret the meaning of symbols, artifacts, and behaviors in the same or in similar ways. Citado de. www.carla.umn.edu/culture/definitions.html.

⁷⁴ Existe uma diferença entre 文 (wén) e 字 (zì), embora ambos tenham o significado de escrita. 文 indica diretamente os pictogramas simples e 字 refere os caracteres criados mais recentemente, que têm formas mais complexas. Hoje em dia, o chinês moderno adota 字 para significar o sistema completo da escrita chinesa. NdA

transformar, a palavra 文化 (*wénhuà*) transmitia uma ideia de domínio, no sentido de “以文教化” (*yǐwénjiàohuà*) *utilizar a escrita para educar ou civilizar o povo*. Na China antiga, quem sabia escrever bem, ou seja, quem era competente na produção de texto era reconhecido com o tratamento 文人 (*wénrén*), literato. Até à era moderna, existiu sempre uma mesma palavra para descrever as pessoas cultas, civilizadas ou cujo conhecimento é profundo 有文化 (*yǒuwénhuà*). Essa palavra, cuja tradução literal é *ter cultura*, identifica de facto uma pessoa com uma boa educação.

Podemos assim observar que, na China, a escrita está intimamente ligada à cultura e à história. Os caracteres, como base da expressão literária, constituem conseqüentemente uma parte importantíssima da cultura chinesa e têm evoluído bastante ao longo da história por influência cultural. Aliado a este facto, a escrita, em qualquer país, para além de ser um instrumento de comunicação, contribui também para a conservação da respetiva cultura, através da sua função de registo, bem como é em si mesma considerada cultura. Contudo, o carácter chinês não é apenas um veículo cultural, é também, a porventura sobretudo, um facto cultural.

II.2.1. FORMAÇÃO DOS CARACTERES COMO REFLEXO CULTURAL

A escrita chinesa é um fenómeno cultural e, neste contexto, *os caracteres são intitulados* fósseis da história e da cultura chinesa ⁷⁵. Todo o carácter inclui elementos, sejam de natureza histórica ou cultural, que revelam a sua formação ou proveniência.

⁷⁵ 1999, 4 ZANG. 人们称汉字为中国社会历史思想的“活化石”。

Na secção II.1 vimos que, nos primeiros milénios, os caracteres chineses, ou mais precisamente, os primeiros ícones, consistiam em desenhos inspirados na natureza e na observação de eventos quotidianos, que sofreram gradualmente um processo de normalização, de acordo com a respetiva origem ou características. A partir da dinastia Han Oriental⁷⁶, os caracteres passaram a ser classificados. O literato *Xu Shen* (许慎, *xǔshèn*), que viveu entre 58 e 147 a.C., foi o primeiro a propor um sistema de classificação. A sua obra *Explicação Etimológica dos Caracteres*, apresenta seis tipos de classificação que permitem categorizar quase todos os caracteres existentes na época. Esta classificação designada por *LiuShu* (六书, *liùshū*), ou seja, seis (六, *liù*) tipos de escrita (书, *shū*), é considerada a primeira teoria sistemática sobre a estrutura dos caracteres.

As seis classificações propostas por Xu Shen são como segue.

1. Pictograma (象形, *xiàngxíng*)

A classificação 象形 (*xiàngxíng*), cuja tradução literal é “desenhar a imitar as formas”, refere-se aos pictogramas, e está intimamente relacionada com os primeiros “desenhos” (a já referida forma embrionária da escrita), indicando o sentido diretamente através da aparência. Esta é, no conjunto das seis classificações, a mais antiga, sendo também considerada a base dos outros tipos de classificação.

São vários os caracteres que assumem esta classificação, nomeadamente montanha (山, *shān*), pessoa (人, *rén*), chuva (雨, *yǔ*) ou água (水, *shuǐ*). Abaixo, na Ilustração 12 encontra-se o processo de evolução de um destes caracteres,

⁷⁶ Dinastia Han Oriental: 25-220 d.C.

correspondente a lua (月, yuè). Por meio da observação, os antigos descobriram que a lua crescente aparecia mais vezes do que a lua cheia, e adotaram essa imagem para representar o satélite terrestre, permitindo ao mesmo tempo diferenciar-se esta representação da do sol (Ilustração 8), que originalmente tinha uma forma semelhante à lua cheia.



Ilustração 12: Evolução do carácter lua

As etapas de “A” a “F”, da **Ilustração 12**, descrevem o desenvolvimento típico de um carácter classificado como pictograma. A primeira forma retrata um objeto ou um fenómeno da natureza e, progressivamente, os traços são padronizados até se alcançar a forma do carácter atual.

Outro exemplo, que pode ser observado na Ilustração 13, apresenta uma das primeiras formas de escrita de mulher (女, nǚ). Na China antiga, as mulheres, cujo estatuto social era inferior ao dos homens, tinham que servir estes últimos de joelhos. O carácter original de mulher retrata essa inferioridade social.

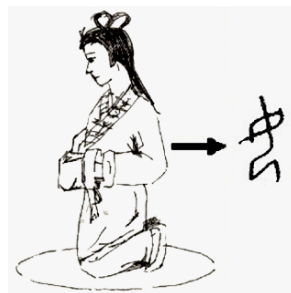


Ilustração 13: Retrato de uma mulher de joelhos e o carácter mulher (女 nǚ)

2. Deictograma (指事, *zhǐshì*)

Deictograma (指事, *zhǐshì*), cuja tradução literal é “indicar ou apontar coisas”, remetem para uma classificação baseada em pictogramas, aos quais acrescem alguns traços com o intuito de transmitir ideias mais precisas. Estes símbolos são sobretudo utilizados em casos mais difíceis de retratar, como por exemplo conceitos dinâmicos. Os caracteres antigos que indicam os conceitos de “cima” e “baixo” são dois exemplos desta classificação.

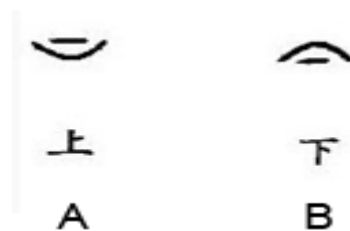


Ilustração 14: Caracteres de cima cima (上, *shàng*) e baixo (下, *xià*)

O símbolo A, hoje em dia é escrito como 上 (*shàng*, em cima), enquanto o B é 下 (*xià*, em baixo). Os dois traços horizontais servem como indicadores, que permitem diferenciar ambas as direções.

3. Ideograma (会意, *huìyì*)

Os ideogramas, também denominados agregados lógicos, são caracteres compostos por dois ou mais caracteres simples, que conferem em conjunto um sentido ao novo carácter. É assim necessário recorrer à capacidade associativa para a sua interpretação. Em baixo encontra-se um exemplo do carácter *início* (初, *chū*).

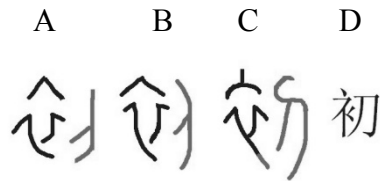


Ilustração 15: Evolução do carácter 初 *chū*

As imagens A, B, C e D representam as quatro etapas do processo de evolução do carácter *início* (初, *chū*). Em cada uma dessas etapas, o carácter tem duas partes. A parte esquerda é 衣 (*yī*), que significa roupa ou tecido, e a direita é 刀 (*dāo*) faca, ou tesoura. Para se começar a confeccionar uma peça de roupa, tinha de usar-se uma tesoura para cortar o tecido, o carácter 初 (*chū*) tinha então este sentido, ou seja, o início da confeção de roupa. Por esta razão, posteriormente, o carácter 初 (*chū*), começou a ser utilizado para transmitir a ideia de momento inicial.

4. Ideofonograma (形声, *xíngshēng*)

Este é o grupo que inclui mais caracteres, cerca de 90%. Em chinês, 形 (*xíng*) significa forma, e 声 (*shēng*) significa som. Um ideofonograma é uma combinação de duas componentes, uma para o significado e outra para o som. Por exemplo, o carácter *mãe* (妈, *mā*) é um ideofonograma graficamente composto por duas partes: a parte esquerda 女 (*nǚ*), significa mulher, enquanto a direita 马 (*mǎ*) significa cavalo (Ilustração 16). O radical 女 (*nǚ*), mostra que este carácter está relacionado com o elemento feminino, ao qual se adiciona o radical de cavalo, com funções fonográficas, para obter o carácter *mãe*.

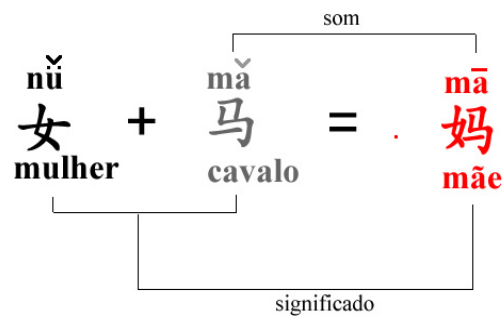


Ilustração 15: Ideofonograma mãe

Existem porém, para além da fonografia, algumas razões históricas para esta combinação de elementos. Na China antiga, as mulheres tinham por hábito transportar os bebés às costas, dando a impressão de que os bebés estavam a montar a cavalo. Assim, o carácter mãe (妈, *mā*) absorve o significado de ambas as partes pelo ideograma e mantém a fonética semelhante ao elemento cavalo (马, *mǎ*).

5. Transferência de significado (转注, *zhuǎnzhù*)

A classificação 转注 (*zhuǎnzhù*) refere-se aos caracteres que têm significados iguais ou semelhantes podendo explicar-se mutuamente, ou seja, próximos do conceito de sinónimo. Por exemplo, num contexto antigo, o carácter 问 (*wèn*), significava perguntar, e o carácter 讯 (*xùn*) significava inquirir. Como estes dois caracteres têm sentidos muito aproximados, um pode explicar o outro, e podem substituir-se mutuamente, dentro de certos contextos.

6. Empréstimo Fonético ou Semântico (假借, *jiǎjiè*)

Na origem de muitos caracteres encontra-se uma sensação, fenómeno, objeto ou evento para o qual existia uma expressão fonética na comunicação oral, mas para os

quais, todavia, não existia representação ou forma de descrever através de pictograma ou ideograma. Nestes casos, utiliza-se o som de outro carácter já existente para construir um novo, mas cujo significado poderá não ter qualquer relação com a ideia a representar. Por exemplo, antigamente, não obstante ainda não existir a escrita de certos caracteres, como *norte*, os antigos possuíam um termo fonético correspondente. *Norte* na expressão oral pronunciava-se *bei*, homófona do termo *costas* (na época não se fazia grande diferenciação tonal).



Ilustração 16: Forma inicial do carácter 北



O carácter foi composto pela representação de duas pessoas de costas voltadas, reforçando a associação fonética ao termo *costas* que, como referido anteriormente, também se pronuncia *bei*. Esta é a génese do novo carácter norte (北, *běi*).

Os pictogramas constituem a base a partir da qual todos os caracteres são criados. De entre os 9.365 caracteres analisados em *Explicação Etimológica dos Caracteres*, 82% são ideofonogramas⁷⁷. Esses caracteres baseiam-se todos em pictogramas originais e embora não sejam objetivamente vistos como uma expressão coreográfica ou musical, as formas, os sons e as interpretações dos pictogramas podem estimular a imaginação e a associação de ideias, tornando-se instrumento de expressão e compreensão do mundo material e psicossocial. Por isso, por vezes, um carácter, através de funções, como transferência dos significados, empréstimo fonético, extensão etc., pode adquirir várias dimensões.

⁷⁷ Cf. LI, 1993.

*A criação dos caracteres de facto é o processo de concretização entre o pensamento imagético e lógico no tempo remoto (...) as pessoas encontram e completam o significado dos caracteres de forma instintiva e da relação mútua entre os traços.*⁷⁸

Como os caracteres chineses contêm uma abundante dimensão cultural, os especialistas podem interpretar o sentido da escrita de acordo com as formas e fonemas utilizados, ou seja, a formação dos caracteres nunca pode ser dissociada do fenómeno cultural. O carácter chinês tem, na grande maioria dos casos, uma espécie de “narrativa” que o explica e lhe acrescenta sentido, e esta narrativa é cultural.

Por exemplo, o carácter 忘 (*wàng*), esquecer, é estruturado em duas partes. A parte superior 亡 (*wáng*) significa morte, que, na sua forma antiga  transmite a ideia de um cadáver deitado num esquife. A parte inferior, 心 (*xīn*), deriva da forma antiga , uma representação realista do coração (pictograma). O coração, hoje em dia, é reconhecido como o centro do sistema circulatório, bem como o tabernáculo dos sentimentos e emoções, contudo, nos tempos antigos, antes de ser descoberta a função do cérebro, os chineses pensavam que este era também o órgão responsável pelo ato de pensar. No Confucionismo, que dá grande importância à moralidade e ao ritualismo, diz-se: *a tragédia máxima é a morte do coração*⁷⁹, ou seja, com a morte moral já não se pode assumir responsabilidades, seja para com a família, seja para com a sociedade. Por outro lado, no Taoísmo, a natureza apresenta um equilíbrio inato, sendo

⁷⁸ 1997, 5 LI & ZANG 汉字的发生过程是先民形象思维与逻辑思维完美结合的“物化”过程。……人们总是凭借汉字所提供的直觉形象及其关系意义去寻绎或补充所蕴含的思想文化内容的。

⁷⁹ 哀莫大于心死。

fundamental a sua contemplação e, por consequência, advoga-se o contrário: a morte do coração é a maior sorte⁸⁰, isto é, sem o incômodo moral, o corpo pode integrar-se diretamente na natureza. O carácter para a palavra “esquecer” 忘 (*wàng*) era interpretado como morte mental. Com a morte do coração, um indivíduo não se lembrará de nada, assumindo assim o carácter o significado de “esquecer”.



Ilustração 17: O carácter 忘 (*wàng*) em diferentes fases

A origem dos caracteres também pode estar associada ao comércio ou negócios. Se olharmos com atenção para os caracteres na Ilustração 19, mesmo desconhecendo os respectivos significados, podemos observar que todos têm em comum um elemento 贝 (*bèi*), concha. Antigamente, na China, as conchas eram utilizadas como moeda de troca ou acessórios preciosos. De acordo com a formação dos ideogramas, a maioria dos caracteres relacionados com riqueza ou negócio incluíam assim o radical 贝 (*bèi*).

货, 贷, 购, 账, 贵, 费, 贾, 贿赂, 资, 赊, 赔, 财, 贡

Ilustração 18 : Caracteres com o radical 贝 *bèi*


⁸⁰ 幸莫大于心死.

Por esta razão, todos os caracteres exemplificados têm alguma relação semântica com valor, a saber, 货 (huò) mercadoria, 贷 (dài) empréstimo, 购 (gòu) comprar, 账 (zhàng) conta, 贵 (guì) caro, 费 (fèi) despesa, 贾 (gǔ) negociante (em chinês antigo), 贿赂 (huìlù) suborno, 资 (zī) salário, 赊 (shē) fiar, 赔 (péi) compensar, 财 (cái) riqueza e 贡 (gòng) tributo.

Os exemplos apresentados mostram-nos que a cultura teve uma grande influência na formação dos caracteres, e que estes refletem essa mesma cultura. Existem vários caracteres que possuem na sua estrutura o radical de mulher 女 (nǚ), e que têm sentidos negativos. Alguns desses caracteres são, por exemplo, insídia (奸, jiān), ciúme (妒, dù), repugnância (嫌, xián), entrave (妨, fāng), bajulação (佞, nìng), entre outros exemplos possíveis. Tudo isto reflete o preconceito e o estatuto de inferioridade dado à mulher na antiga sociedade chinesa. No entanto, hoje em dia, embora alguns caracteres com significados pejorativos mantenham a sua forma de escrita, a visão popular da mulher está bem diferente.

Os chineses brincam frequentemente com o carácter de casamento 婚 (hūn) dando-lhe algumas conotações que refletem a cultura nele impregnada. Como referido anteriormente, a forma atual do carácter 婚 (hūn) tem dois componentes, sendo um deles o radical de mulher 女 (nǚ) e o outro 昏 (hūn), que apesar de significar o momento em que anoitece, transmite atualmente a ideia de doido ou louco. Assim, os populares dizem que, hoje em dia, as mulheres desempenham o papel mais importante na sociedade, sendo autónomas e independentes, capazes de alcançarem os seus

objetivos sozinhas. A união com um homem 婚 (*hūn*) é por vezes retratada como uma loucura da mulher 女(*nǚ*). Esta, por estar louca 昏 (*hūn*), casa-se 婚 (*hūn*) com um homem.

Apesar de existir consenso no seio dos investigadores relativamente à origem e formação da maioria dos caracteres, existem todavia alguns que geram alguma discordância. O carácter 家 (*jiā*), casa ou família em português, é constituído por dois elementos, 宀 (*mián*) e 豕 (*shǐ*). O radical 宀 provém da imagem de uma casa , e preserva esse significado na composição de muitos caracteres, enquanto o componente 豕 significa porco. A interpretação do carácter 家 (*jiā*) será a de uma residência com um porco no interior, que corresponde à concepção original para a palavra casa, lar, ou família. Um dos princípios mais importantes, para a maioria dos chineses, e que prevalece desde a antiguidade até à atualidade, é o 家本位 (*jiāběnwèi*), que significa qualquer coisa como “a família é o princípio de tudo”. Existem várias explicações que tentam justificar a origem deste carácter, cujo sentido é imprescindível na cultura chinesa. Uma delas refere que o porco, melhor dizendo, a porca, pode parir ninhadas numerosas e, neste sentido, simboliza porventura uma grande linhagem familiar, reforçando o conceito de casa ou família. Outra justificação indicia que o porco servia como tributo para sacrifícios ou cerimónias. Os chineses realizavam frequentemente estas cerimónias em casa, quando pretendiam celebrar ou rezar por algo, reforçando-se assim o sentido de casa associado a este carácter. Para além dessas explicações, alguns especialistas defendem que a “família” reflete uma relação entre a economia familiar e a pecuária (podemos considerar que criar gado em casa, já apresentava características da revolução agrícola, com a domesticação de plantas e animais). Muito recentemente, outro investigador apresentou uma nova interpretação, argumentando que a palavra

família teria origem numa eventual tradição matriarcal. Segundo o autor de *Explicação Etimológica dos Caracteres*, ...*casa significa onde moram as pessoas, vem do radical 宀 e pronuncia-se como 豕 jiā*.⁸¹ 豕 (*jiā*) significa um porco macho e dá o som ao novo carácter 家, por isso, o investigador é da opinião que 豕 (*shǐ*), de facto, é uma simplificação de 豶 (*jiā*) pois estes têm um processo evolutivo muito semelhante, particularmente, nas primeiras duas etapas, como mostra a Ilustração 20. Tendo isto em consideração, concluiu que o carácter 家, era composto por 宀 residência e 豶 (*jiā*) porco macho, dando a fundamentação que se segue.



Ilustração 19: Comparação dos caracteres 豕 *shǐ* e 豶 *jiā*

Haverá não poucos investigadores, pelo menos na China, que suspeitam que as sociedades primitivas desenvolveram inicialmente o matriarcado enveredando, apenas posteriormente, por um período mais prolongado de patriarcado. Hoje em dia, numa região do sul da China, província de Yunnan, ainda existe pelo menos um regime matriarcal: um ramo dos *Naxi*⁸², chamados *Mosuo*⁸³. Estas pequenas comunidades

⁸¹ 家，居也。从宀，豕省声。

⁸² Naxi (纳西, Nàxī) é uma etnia da província de Yunan.

⁸³ Mosuo (摩梭, Mósuō) é um ramo pequeno da etnia Naxi, que mantém ainda hoje tradições matriarcais, sendo portanto considerado como o último regime matriarcal da China. NdA

tentam manter ainda hoje as suas tradições particulares. Uma dessas tradições exige que todas as raparigas, quando chegam a uma certa idade, construam uma residência independente, para assim facilitar posteriores encontros sexuais. No que diz respeito aos homens, como não é necessário assumirem a responsabilidade da casa, à noite, podem passar pelas residências das raparigas, umas após outras, para procriar e, ao amanhecer, voltam para as suas próprias casas para se alimentarem e descansarem. Quando nasce uma criança, não existe qualquer preocupação em tentar identificar o progenitor, dado que esta pertence à família da mãe, não tendo o pai qualquer relação com a criança.

Um comportamento semelhante é encontrado no reino animal. Diz-se que nos tempos antigos, os porcos selvagens tinham por hábito ir às pocilgas acasalar com as porcas domésticas. O investigador, considerando estes dois casos, propôs assim esta conclusão: os antepassados matriarcais, aquando da criação do carácter casa, observaram que o comportamento dos homens era semelhante ao do porco selvagem, resolvendo assim o problema da interpretação do carácter 家, sendo composto por uma residência e um porco.⁸⁴ Posteriormente, já numa fase claramente patriarcal, o primeiro imperador responsável pela unificação da China, promulgou um decreto, que estabelecia que era

*(...) Proibido ter relações sexuais com muitas mulheres sem assumir responsabilidade; todas as pessoas têm que ser fiéis à sua união; caso se descubra que um homem age novamente como o porco selvagem, é legal matá-lo.*⁸⁵

⁸⁴ Cf. TANG, 2003.

⁸⁵ 禁止淫佚，男女洁诚；夫为寄猓，杀之无罪。

Este decreto estipulou que um homem tem de assumir as suas responsabilidades para com o país, a sociedade, a sua esposa e para com os seus filhos. A partir desse momento, o carácter casa começou a ter o sentido de família.



Ilustração 20: Evolução do carácter casa 家 jiā

Podemos encontrar outro exemplo pertinente no carácter 不 (bù), sobretudo se considerarmos que esta é uma das palavras mais usadas em todas as línguas, o advérbio de negação “não”, e que, conseqüentemente, não deve ser excluída da nossa análise. Existem várias suposições no que respeita à sua origem. Diz-se em *Explicação Etimológica dos Caracteres* que a primeira forma do carácter 不 descrevia um pássaro a voar, que se recusava a voltar para o solo. Posteriormente, essa recusa fora estendida ao significado do advérbio de negação.

Outra interpretação sobre a origem do carácter 不, defende que essa forma provém da imagem de raízes ramificadas (Ilustração 22). É enfatizado o papel de fixação ao solo, em detrimento do crescimento da planta à superfície, e este sentido deu origem à extensão de negação.

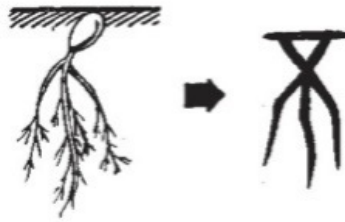


Ilustração 21: Forma original do carácter 不 *bù*

Uma outra proposta para a origem deste carácter fundamenta-se na fisiologia humana. São vários os registos e artefactos, não somente chineses, mas também ocidentais, como a Vénus de Willendorf, que se referem à veneração da mulher, enfatizando o seu papel reprodutivo. Esta importância, reconhecida pelas sociedades antigas, estará na origem do carácter de negação. Sendo que, a primeira forma do carácter “*Não*” era composta por dois elementos, um triângulo e três linhas curvas 𠄎 sendo sugerido que o triângulo seria uma representação do órgão reprodutor feminino e as linhas curvas retratariam o fluxo menstrual. Tendo em consideração esta imagem, o sentido original desta primeira forma do carácter 不 transmitiria a ideia de período menstrual da mulher, durante o qual é recusada a atividade sexual, e posteriormente essa recusa generalizou-se no advérbio em causa.



Ilustração 22: Evolução do carácter 不 *bù*

Em suma, *a forma dos caracteres tem aspetos especiais: primeiro, é de um sistema semântico, segundo, não é o quadrado plano mas é o cubo volumoso.*⁸⁶ Isto quer dizer que desde o pictograma mais simples até o ideofonograma mais complexo, todos os caracteres transportam uma abundância de informação cultural, que pode ser interpretada de diferentes maneiras, em diferentes épocas e por diferentes pessoas.

II.2.2. UTILIZAÇÃO DA ESCRITA EM CONTEXTO CULTURAL

A relação dos caracteres chineses com a cultura não é circunscrita à fundamentação das suas origens, à sua etimologia. Os próprios caracteres refletem e contêm aspetos culturais que se manifestam através do seu uso. Um carácter que tenha surgido num determinado contexto, que expresse uma determinada vivência ou ideia manifestada através do uso mais ou menos estável ao longo da história, poderá, quando inserido num novo contexto cultural, adquirir novos sentidos e ganhar interpretações mais abrangentes do que o seu uso habitual. Zang Kehe defende que

*Como veículo da história e cultura da Etnia Han, a língua chinesa mostra obviamente características de uma língua isolada, dentro da língua há uma existência em cadeia de sentidos influenciados pelo meio com um centro bem definido, portanto os leitores podem interpretá-la de acordo com a sua própria experiência e de diferentes maneiras.*⁸⁷

⁸⁶ 1997, 6 LI & ZANG. 汉字的块体却有其独特之处: 第一, 从体系上来说, 是表意的系统; 第二, 不是平面的块体, 而是颇有厚度的立方体。

⁸⁷ 1999, 3 作为汉民族文化历史的载体, 中国语言表现出强烈地孤立语的性质, 其语言内部是一种中心明确、周边互相渗透的意象的连锁存在, 因而留给读者一种很大的根据自身体验去作出种种主体性解释的可能。

Por exemplo 桃 (*táo*), que significa pessegueiro, é composto por dois elementos: 木 (*mù*) e 兆 (*zhào*). 木 (*mù*), provém do pictograma 𣎵, que significa árvore, e a forma antiga de 兆 (*zhào*) 𠄎 foi inspirada nas carapaças de tartaruga usadas em ritos de adivinhação. Na cultura popular chinesa, o pessegueiro é uma árvore divina, sendo utilizada frequentemente nos ritos de adivinhação, para afastar maus espíritos e mau-olhado. Nas lendas tradicionais, os exorcistas utilizavam a espada de pessegueiro para afastar demónios. Para além disso, como 桃 (*táo*), o pessegueiro, possui uma característica imortal, o seu fruto, 桃子 (*táozi*) tem sido usado como símbolo de longevidade, desempenhando um papel central em banquetes de aniversário de pessoas idosas. A flor de pessegueiro, 桃花(*táohuā*), pelas suas cores claras e atraentes, é frequentemente utilizada para descrever a beleza de uma rapariga ou o amor entre jovens.

No «Clássico de Poesia Zhounan»⁸⁸ lê-se «诗经·周南》 “桃之夭夭，灼灼其华。之子于归，宜其室家” que pode ser traduzido como *O pessegueiro floriu com cores tão brilhantes. Vou casar com este rapaz que amo para começarmos a nossa família feliz.* Neste caso, as flores de pêsego simbolizam a felicidade da união de dois jovens e auspiciam o futuro do seu relacionamento. Na dinastia Tang⁸⁹ existiu um afamado poeta chamado *Cuihu* (崔护, *cuīhù*) que, num dia de primavera, enquanto passeava pelos subúrbios da capital, encontrou uma bela rapariga debaixo de um

⁸⁸ «诗经·周南» *shījīng·zhōunán*, «Clássico de Poesia·Zhounan». 诗经 *shījīng*, Clássico de Poesia é a coleção mais antiga de poemas e músicas chineses. Esta obra é dividida em três capítulos e o seu primeiro capítulo é constituído por 10 subcapítulos, cujo conteúdo é correspondido às tradições populares de 10 regiões diferentes, portanto, esse 10 subcapítulos são intitulados com os nomes das respetivas regiões, tal como 周南 (*zhōunán*), o sul do Soberano Zhou Leste, utilizando nesta obra como o nome de um dos 10 subcapítulos. NdA

⁸⁹ Dinastia Tang 唐朝 Tángcháo (618 d.C.-907 d.C.).

pessegueiro. No ano seguinte, voltou à quinta, na esperança de reencontrar a jovem, mas nunca mais a viu. Esta tornou-se inspiração para um poema que se tornaria muito famoso: “去年今日此门中，人面桃花相映红；人面不知何处去，桃花依旧笑春风”⁹⁰ e que diz qualquer coisa como “no ano passado, encontravam-se uma menina e as pequenas flores de pêssego rosadas nesta porta, no entanto, este ano a menina já não está, no mesmo sítio apenas restam as pequenas flores rindo com o vento da primavera.”

As flores de pessegueiro inspiraram vários outros poetas, por exemplo “大抵西泠寒食路，桃花得气美人中”⁹¹ que diz que o sítio mais bonito desta altura da primavera deve ser a rua de Xiling, em Hangzhou, as flores de pêssego parecem motivadas pelas raparigas na rua cada vez mais belas, onde também se compara as raparigas à beleza das flores de pessegueiro, na primavera.

Hoje em dia, os chineses continuam a associar a flor do pessegueiro às raparigas jovens, bem como a objetos ou situações que com estas se relacionam. Por exemplo, chamam popularmente ao rosto da rapariga “faces rosadas” (桃腮, *táosāi*); ao blush (um tipo de maquilhagem) “pó de flor de pêssego” (桃花粉, *táohuāfěn*); a um olhar aguado e sorridente “olhos florais” (桃花眼, *táohuāyǎn*). Por outro lado, designa-se a vida trágica de uma mulher por destino de flor (桃花命, *táohuāmìng*), ou então, diz-se que um homem que cativa muitas raparigas possui uma sorte floral (桃花运, *táohuāyùn*).

⁹⁰ «题都城南庄» (*tí dūchéng nánzhuāng*), poema escrito numa vivenda do sul da capital.

⁹¹ Dois versos de LIU Rushi (柳如是, *liǔrúshì*) (1618~1664), prostituta, poetisa e calígrafa famosa.

Outro exemplo, com grande ligação à cultura popular chinesa, é encontrado no carácter 闯 (*chuǎng*), que significa investir ou arremessar-se. Este carácter continua a ser muito utilizado nos dias de hoje para descrever alguém que tenha uma ambição ou uma motivação muito forte, sendo formado por duas partes, uma exterior 门 que significa porta, e uma interior 马 cavalo. Assim, o carácter descreve a imagem de um cavalo arremessando-se contra a porta de um curral. Embora este carácter tenha surgido após os anteriores, ele reflete a observação de um evento da vida quotidiana. Nenhuma das outras espécies de gado doméstico, tais como o galo, a cabra ou a vaca, saem do curral comportando-se como um cavalo, ou seja, saltando e atirando-se impetuosamente contra a porta, o que torna esse comportamento peculiar. É assim que o carácter 闯 (*chuǎng*) contém uma porta do curral e um cavalo no interior disposto a sair.

No contexto do exemplo acima referido poderemos encontrar as seguintes expressões (sem pretendermos ser exaustivos):

- 闯祸 (*chuǎnghuò*), provocar desastres. Utiliza-se, num caso particular, para descrever crianças traquinas. Apesar do carácter 闯 já transmitir implicitamente uma ideia de imprudência e descuido, a sua inclusão na palavra 闯祸 (*chuǎnghuò*) permite-lhe adquirir uma nova dimensão semântica, pragmaticamente mais viva e com maior proximidade do dia a dia de todos nós;

- 闯关东 (*chuǎnguāndōng*), significando emigração para nordeste. Neste contexto, 关东 (*guāndōng*) significa o local a nordeste da Passagem de Shanhai (山海

关, *shānhǎiguān*)⁹², conhecido atualmente como nordeste (东北, *dōngběi*), enquanto o carácter 闯 (*chuǎng*) reflete o espírito e a coragem dos pioneiros emigrantes. Desde meados do séc. XVII que a China foi governada pela dinastia Qing, de etnia *Man* (*Manchu*)⁹³, cuja terra natal se situava exatamente no Dongbei. Embora a corte se tenha mudado para a capital, Beijing, continuaram a defender o seu território de origem, nomeadamente a montanha de *Changbai* (长白山, *chángbáishān*). Acreditava-se que 龙脉 (*lóngmài*), raiz ou veia do dragão, localizado entre a montanha de *Changbai*, junto à fronteira com a Coreia do Norte, e os túmulos imperiais de Mukden⁹⁴, eram uma veia através da qual fluía a *força do dragão* (龙气, *lóngqì*) que conduziu a dinastia Qing ao poder.

O imperador *Qianlong*⁹⁵, que considerava o local como fonte da superioridade do povo *manchu*, promulgou um decreto proibindo outras raças de entrar ou viver naquela região. Findo o domínio dos *manchus*, surgiram várias guerras acompanhadas de desastres naturais. Para garantir a sua sobrevivência, povos não manchu, oriundos de outras regiões, ignoraram a proibição e migraram para nordeste. Hoje em dia, usa-se o termo 闯关东 (*chuǎnguāndōng*) para identificar esta migração e suas variantes. O carácter 闯 (*chuǎng*), com o seu sentido de pioneiro, demonstra a coragem do povo no contexto que se vivia na altura. Hoje em dia, qualquer chinês que se depare com o termo associa-lhe este momento da história e o espírito pioneiro daqueles povos.

⁹² A Passagem de Shanhai era considerada a ponta inicial do nordeste da Grande Muralha e era uma defesa militar muito importante na antiga China. NdA

⁹³ Etnia Man, ou Manchu (满族 *mǎnzú*).

⁹⁴ Mukden, hoje em dia, é conhecido como *Shenyang* (沈阳, *shěnyáng*).

⁹⁵ *Qianlong* (乾隆, *qiánlóng*), (1711~1799), o sexto imperador da dinastia Qing.

O carácter felicidade (福 *fú*) é, no conjunto de todos os caracteres, um dos mais representativos da cultura chinesa. O uso textual deste carácter aparece mais frequentemente associado a situações de bom augúrio, como: 幸福 (*xìngfú*) para descrever um estado de vida cheio de sorte e felicidade; a expressão 福如东海 (*fú rú dōng hǎi*), *ter felicidades quanto a imensidão do mar* que é usada no aniversário dos idosos; 发福 (*fāfú*), *aumentar a felicidade*, significa engordar e 全家福 (*quánjiāfú*), *a felicidade de toda a família*, significa a fotografia de família, etc. Para além disso, o uso deste carácter sozinho também carrega uma grande carga cultural e vários significados. O carácter de felicidade 福 (*fú*) serve como decoração nas casas, nomeadamente na altura do Ano Novo Chinês, quando todas as famílias colam o carácter, escrito em caligrafia ou em papel recortado, nas portas, na sua forma invertida: 𠃉. O carácter *invertido* traduz-se em chinês como 倒 (*dào*), cuja pronúncia coincide com a do carácter 到 (*dào*), que significa chegar. Neste caso, quando a pessoa vê o carácter na porta, provavelmente diz: 福倒了 (*fú dào le!*) Foneticamente, esta frase também significa 福到了 (*fú dào le!*) *Aqui chega a felicidade!* . Por vezes este carácter é mal escrito propositadamente:

福

o carácter bem escrito

𠃉

o carácter mal escrito

Esta gralha intencional deriva da expressão popular 福多一点 (*fúduōyìdiǎn*), mais um bocadinho de felicidade. 一点 (*yìdiǎn*), um ponto, significa “um bocadinho” em chinês corrente. Note-se que na forma errada do carácter 福 (*fú*) existe mais um ponto à esquerda, por isso, o povo chinês considera esse símbolo como uma forma de desejar mais felicidade.

O carácter 福 (*fú*) descrevia, na sua forma original 𠫪, um rito de sacrifício. Este carácter é composto por dois elementos: à esquerda é representada uma mesa de sacrifício e à direita encontra-se um recipiente cheio de álcool do qual caem três gotas. Desta imagem, podemos concluir que o sentido original do carácter 福 (*fú*) era pedir felicidade aos céus. O álcool 酒 (*jiǔ*) é o tributo oferecido em troca deste desejo.

Desde os primórdios que o álcool é mais do que uma simples bebida, estatuto que continua presente na atualidade, seja na China ou no estrangeiro. Na Bíblia, o vinho simboliza o sangue de Jesus Cristo, e nesse contexto, tem uma grande influência na vida dos ocidentais. Na China, o álcool também desempenha um papel cultural imprescindível. *Xu shen* (许慎, *xǔshèn*) explicou este carácter em *Explicação Etimológica dos Caracteres* da seguinte forma: *O álcool demonstra o bom e o mau da humanidade* ⁹⁶. Isto quer dizer que o álcool se assemelha a um espelho, refletindo tudo em si próprio. Numa visão tradicional da China, ter álcool é considerado um símbolo de riqueza, pois somente quem possui uma boa colheita agrícola é capaz de o produzir. A palavra 酒池肉林 (*jiǔchíròulín*), lagoa de álcool e floresta de carne descreve a vida

⁹⁶ 酒，就也，所以就人性之善恶。

luxuosa dos ricos. Para além disso, o álcool 酒 (*jiǔ*) foi sempre uma boa companhia para os *literatis* (文人, *wénrén*). Existem vários poemas e cantos que clamam as virtudes do álcool, como: “何以解忧, 唯有杜康”⁹⁷, *o que é que serve para matar as saudades? A única coisa que resolve é o álcool*; “人生得意须尽欢, 莫使金樽空对月”⁹⁸ *divirta-se quando se sente feliz, não deixe o copo vazio diante a lua*; “古来圣贤皆寂寞, 惟有饮者留其名”⁹⁹ *todos os santos são solitários, ninguém os compreende, apenas os nomes dos alcoólicos podem ser registados na história*. Em suma, para os chineses, o álcool é muito valorizado na cultura, o álcool traz a felicidade do Céu, simboliza a riqueza, mata a tristeza e aumenta a alegria.

Como referido, a formação dos caracteres chineses tem essencialmente origem pictográfica. Grande parte dos caracteres originais parecem imagens ou desenhos da natureza e da vida quotidiana. No entanto, essas imagens não são simples retratos realistas, muitas vezes, utilizam o simbolismo para transmitir o espírito do conteúdo. A estética de formação dos caracteres segue esse princípio. Em muitos casos, a forma dos caracteres não é uma representação exata e precisa do objeto real, mas procura antes capturar as suas principais características. Por exemplo, o radical de relva 艹 vem da imagem 艹, que corresponde à forma da erva. Quase todas as plantas possuem o radical 艹 na sua formação, tais como flor 花 (*huā*), lótus 莲 (*lián*), líchia 荔 (*lì*) ou maçã 苹 (*píng*). Assim, embora não se saiba o significado exato de um desses

⁹⁷ «短歌行» (*duǎngēxíng*), poema antigo.

⁹⁸ «将进酒» (*qiāngjìnjiǔ*), poema antigo.

⁹⁹ «将进酒» (*qiāngjìnjiǔ*), poema antigo.

caracteres, podemos imediatamente perceber que está relacionado com a espécie vegetal. Existem dois versos bonitos sobre jardins:

荷花茎藕莲蓬苔 *hé huā jīng ǒu lián péng tái,*

芙蓉芍药蕊芬芳 *fú róng sháo yào ruǐ fēn fāng。*

(Tradução: na lagoa, há flor de lótus, a sua raiz e o musgo;

o jardim, está cheio de fragrância de hibisco e peónia.)

Nestes versos, todos os caracteres se referem a plantas do jardim pelo que, na sua formação, todos possuem o radical de relva. Ao examinar os dois versos, mesmo que não se perceba quais são as plantas mencionadas, a sensibilidade do observador é conduzida até um jardim. Este tipo de gosto estético está muito presente na cultura chinesa e na sua escrita.

Os caracteres com o radical de erva, cujo significado está associado a uma planta herbácea ou fragrância, também são frequentemente adotados para nomes de raparigas. No conceito cultural da China, uma rapariga deve ser delicada, elegante e até frágil, tal como 林黛玉 (*lín dāiyù*), uma figura feminina descrita na obra *Sonho de Pavilhão Vermelho* (红楼梦, *Hónglóumèng*), que era bonita e tranquila como o reflexo da flor na água, agia leve e fragilmente como o salgueiro ao vento¹⁰⁰. Assim, é usual dar às raparigas chinesas o nome de uma fragrância floral (芳, *fāng* ou 菲, *fēi*), flor (花, *huā*), rosa (薇, *wēi*), lótus (莲, *lián*), jasmim (茉莉, *mòli*), etc. Por exemplo, uma filha da família Lee (李, *lǐ*), para além de manter o seu apelido, terá provavelmente por nome

¹⁰⁰ 娟静似娇花照水，行动如弱柳扶风

próprio 李小花 (*lǐxiǎohuā*), pequenas flores, ou 李薇蓮 (*lǐwēilián*), rosas e lótus. Deste modo, para além do nome conter bons significados e refletir a formosura da mulher, qualquer pessoa saberá imediatamente que se trata do nome de uma menina ou senhora.

Os chineses usam com muita regularidade elementos sensoriais na descrição de contextos, revelando o gosto estético e a maneira de pensar sempre presente na cultura chinesa. Por exemplo, o carácter 深 (*shēn*), quando utilizado como adjetivo, significa profundo, e é utilizado, por exemplo, para descrever uma cor escura. Em vez de dizermos que uma cor é mais escura, diríamos na língua chinesa que é uma cor mais profunda (深色, *shēnsè*). Adota-se a profundidade como nível de escuridão das cores. Podemos portanto dizer que os chineses usam mais o pensamento dimensional em detrimento do visual. Outro exemplo que corrobora essa ideia pode ser encontrado no uso do carácter 深 (*shēn*) do seguinte verso: 城春草木深 (*chéngchūncǎomùshēn*), *a cidade está na primavera, todas as árvores e relvas estão exuberantes*. No verso em chinês, usa-se o carácter 深 (*shēn*), profundo, para descrever a exuberância da vegetação, significando que as árvores e plantas crescem imenso e chegam uma determinada altura, ou seja, profundidade. Desta forma a descrição parece mais viva, mais tridimensional, dando a sensação que a imagem descrita aparece à frente dos nossos próprios olhos. Esta é a razão pela qual dizemos que este tipo de pensamento dimensional constrói uma atmosfera única, própria da cultura chinesa.

Outra influência dos caracteres na cultura espelha-se na “superstição” da escrita. De facto, apesar de não se tratar de uma efetiva superstição, o uso de um carácter em vez de outros reflete desejos e aspirações. Da mesma forma, evitam-se tabus de escrita

através do uso de caracteres passíveis de ter algum tipo de conotação negativa ou inadequada ao contexto. Por exemplo, existem vários caracteres que definem a existência de uma estrutura envolvente, tal como: 围 (*wéi*), 园 (*yuán*) ou 圈 (*quān*). Apesar de todos estes caracteres possuírem componentes diferentes no interior, no exterior todos são cercados por uma caixa. Na cultura chinesa, o espaço fechado □ simboliza um território com muralhas de defesa, portanto, todos os caracteres com esta estrutura possuem significados relacionados com a existência de limites, como são, por exemplo, os caracteres de país (国, *guó*), rodear (围, *wéi*), jardim (园, *yuán*), prisioneiro (囚, *qiú*), etc. Uma pequena cidade chamada *Lijiang* (丽江, *lìjiāng*), situada na província de *Yunan* (云南, *yúnnán*), foi em tempos gerida pela família *Mu* (木, *mù*). Curiosamente, apesar de tradicionalmente as cidades serem amuralhadas, essa cidade não tinha qualquer muro ou vedação exterior. Isto porque, o carácter do nome desta família, 木(*mù*), quando inscrito dentro de muro □, se transforma num novo carácter 困 (*kùn*), cuja tradução é dificultar ou prender. A família *Mu* acreditava que, se alguma vez fosse construída uma muralha em torno da cidade, toda a família teria dificuldades ou azares. Por isso, a cidade de *Lijiang* manteve-se sempre uma cidade aberta, sem muros.

Existem ainda na China alguns aspetos culturais da escrita que, mesmo para um leitor que seja conhecedor de todos os caracteres utilizados, podem veicular à total incompreensão de um texto ou a uma interpretação errada. São vários os caracteres e palavras da língua chinesa que possuem implicações culturais. Por exemplo, 金乌西坠, 玉兔东升, (*jīn wū xī zhuì, yù tù dōng shēng*), é literalmente traduzido “como o corvo dourado cai ao oeste, o coelho de jade levanta-se do leste”. Apesar de ser possível

decifrar os caracteres, o conteúdo não faz qualquer sentido, isto porque, 金乌 (*jīnwū*) e 玉兔 (*yùtù*) são duas figuras culturais da China e, sem se perceber o contexto cultural inerente, não é possível compreender a afirmação. 金乌 (*jīnwū*), corvo dourado, para os chineses, é o símbolo do sol, portanto, hoje em dia, o seu uso equivale ao sol 太阳 (*tàiyáng*). Por outro lado, 玉兔 (*yùtù*), coelho de jade, simboliza a lua, sendo equivalente à palavra 月亮 (*yuèliang*). Então, a frase 金乌西坠, 玉兔东升 (*jīn wū xī zhuì, yù tù dōng shēng*) é, na realidade, a descrição do pôr do sol e do nascer da lua, o sol cai a oeste e a lua sobe a leste. O uso deste termo revela cultura e sentido de estética.

Podemos encontrar outro exemplo semelhante na expressão 白驹过隙 (*bái jū guò xì*), que é literalmente traduzida como “o pequeno cavalo branco passa pelas lacunas”. Mas de facto, 白驹 (*báijū*), o pequeno cavalo branco é uma conhecida metáfora do tempo e a sua ação de 过隙 (*guòxi*), passar pelas lacunas, serve para descrever que o tempo passa rapidamente. Portanto, 白驹过隙, (*bái jū guò xì*), significa que o tempo voa.

Em suma, os caracteres incorporam aspetos culturais e a cultura orienta as utilizações da escrita, refletindo a maneira de pensar dos chineses, os seus gostos estéticos e hábitos linguísticos.

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA UTILIZADA: O
CASO DO INSTITUTO CONFÚCIO DA UNIVERSIDADE DO
MINHO

O presente capítulo propõe uma reflexão sobre a relação entre a aprendizagem da cultura chinesa e a aquisição dos caracteres, baseado em metodologias didáticas já postas em prática na Universidade do Minho, sobretudo no Instituto Confúcio, onde assumi funções como docente estagiária no âmbito de Projeto Ensino de Chinês nas Escolas, Curso Livre e Curso *Chinês Turístico e Comercial*. Analisar-se-á também a motivação, o estímulo e o planeamento para a aprendizagem da escrita (caracteres) por parte dos alunos, em relação aos seus estudos de língua e cultura chinesas, no pressuposto de que estas não podem ser dissociadas.

III.1 CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS E AS SUAS MOTIVAÇÕES

No âmbito da fundação do Instituto Confúcio da Universidade do Minho, em 2006, têm sido desenvolvidos três projetos fundamentais, relacionados com o ensino de língua e cultura chinesas, a saber, o Projeto *Ensino de Chinês nas Escolas*, o Curso Livre e o Curso *Chinês Turístico e Comercial*.

1. Projeto Ensino de Chinês nas Escolas

De acordo com os dados do ano passado, decorreu em cinco escolas privadas do ensino primário e secundário, a saber, Colégio Luso-Internacional de Braga, Colégio D. Diogo de Sousa, igualmente em Braga, Colégio Luso-Internacional do Porto, Escola Francesa do Porto e *Oporto British School*, bem como em duas escolas do setor público: Escola Dr. Francisco Sanches e Escola Secundária Carlos Amarante. Sublinhe-se também que se procedeu, no último ano letivo, a um alargamento desta experiência a mais três escolas privadas: Centro de Educação Integral, em São João da Madeira, o Colégio *A Torre dos Pequeninos*, em Santo Tirso, e a Escola João de Deus, em Braga.

Esta atividade conta atualmente com 274 alunos distribuídos por 28 turmas, com vários níveis de desenvolvimento e aprofundamento de chinês e idades compreendidas entre os 6 e os 17 anos.¹⁰¹

Como os estudantes mais jovens podem ter algumas dificuldades na compreensão de um professor chinês, as aulas e atividades didáticas para os mais novos são lecionadas por professores portugueses e chineses, ou seja, conjuga-se a presença de um docente de nacionalidade portuguesa com a de outro de nacionalidade chinesa, de modo a que os alunos entendam bem o conteúdo. Alcançado algum conhecimento geral sobre a língua chinesa, no 2º e 3º ano já podem ter aulas só com um professor chinês. As motivações dos alunos deste projeto geralmente são:

a. Interesse dos pais

Os pais, sobretudo os que trabalham ou têm alguma atividade relacionada com a China, encaram esta aprendizagem como uma preparação dos seus filhos para futuras oportunidades profissionais que estejam diretamente ligadas às relações Portugal-China. Há também alguns encarregados de educação que inscrevem os filhos de modo a expandirem os seus horizontes e a ampliarem o seu conhecimento cultural, histórico e geográfico do continente asiático.

b. Curiosidade pessoal

Os alunos que escolhem desde início as aulas de chinês provavelmente já têm uma certa noção ou conhecimento sobre a língua e a cultura chinesas, podem por exemplo ter participado numa qualquer atividade cultural, visto reportagens na televisão ou apreciarem a gastronomia chinesa, fatores que suscitam a sua curiosidade.

¹⁰¹ Cf. Relatório das atividades do Instituto Confúcio (2013/2014).

De acordo com os dados de uma mini-entrevista realizada no ano letivo 2012/2013 junto de 20 participantes (com idade entre os 11-17 anos), aquando da minha experiência como professora estagiária no âmbito do ensino de chinês nas escolas secundárias (Colégio Luso-Internacional de Braga, Colégio D. Diogo de Sousa e Escola Secundária Carlos Amarante), 75% dos alunos estudam chinês por vontade dos pais, 15% estão genuinamente interessados na língua e cultura chinesas e os restantes 10% escolhem chinês sem nenhuma razão em particular.

Numa fase inicial, os alunos que entram nas aulas por curiosidade em relação à língua e cultura chinesas normalmente mostram mais iniciativa, colocam bastantes questões e participam ativamente nas aulas. Como diz o ditado chinês “兴趣是最好的老师” (*xìngqù shì zuìhǎode lǎoshī*), *o interesse é o melhor professor de todos* logo, os alunos com maior motivação têm mais facilidade na compreensão da matéria e na utilização destes mesmos conteúdos em situações práticas. Os alunos incitados pelos pais geralmente não revelam grande gosto e desanimam mais rapidamente, quando encontram algum problema na aprendizagem. Neste caso, os professores devem encontrar maneiras de os motivar e estimular o seu interesse pelo estudo da língua.

2. Curso Livre e Curso de *Chinês Turístico e Comercial*

O Curso Livre de *Língua e Cultura Chinesas* funciona todas as segundas e quartas-feiras nas instalações da Universidade do Minho, durante duas horas. De acordo com o relatório oficial de 2013 do Instituto Confúcio, teve 10 inscritos ao nível de iniciação e 10 inscritos no nível seguinte, durante o ano letivo 2012/2013.

O Curso de *Chinês Turístico e Comercial* funciona aos sábados, igualmente nas instalações da Universidade, com três horas de duração. De acordo com o relatório do

IC Uminho, o *Chinês Turístico e Comercial* no ano passado funcionou com cinco níveis, com um total de 25 inscritos no 1º nível, 7 inscritos no 2º nível, 6 inscritos no 3º, 5 alunos no 4º e 10 alunos no 5º nível, totalizando assim 53 inscrições.

As inscrições nestes dois cursos são abertas ao público, o que pressupõe alunos com motivações diferentes. Hoje em dia, acompanhando o intercâmbio crescente entre Portugal e a China, várias empresas portuguesas preparam-se para entrar no mercado chinês ou para colaborarem no desenvolvimento empresarial com parceiros chineses. Por essa razão, alguns destes participantes são enviados pela empresa onde trabalham, por forma a utilizarem o chinês em contexto profissional. Alguns escolhem ainda o curso pelas saídas profissionais que este proporciona, especialmente se pretendem estabelecer-se e construir uma carreira na China. Para além disso, existem sempre muitos alunos que entram nestes cursos apenas por interesse, nomeadamente indivíduos na idade da reforma que têm uma curiosidade e afeto especial pela cultura oriental. Por outro lado, também se inscrevem estudantes universitários que procuram adicionar ao seu currículo qualificações fora da sua área de especialização.

De acordo com os dados de uma mini-entrevista realizada em 2012/2013 e com a minha experiência como docente no âmbito de ensino chinês no Curso Livre e Curso de *Chinês Turístico e Comercial*, dos 50 participantes (com idade superior a 15 anos), 74% dos alunos aprendem chinês movidos por interesse e curiosidade pessoal, 20% são funcionários enviados por empresas com necessidade dessa competência ou com o objetivo de trabalharem na China no futuro. Para além disso, 6% escolheram o curso simplesmente para tentarem superar este desafio.

Comparativamente com os alunos do Curso Livre, o grupo do Curso *Chinês Turístico e Comercial* é muito diversificado, com pessoas de diferentes áreas e faixas

etárias (dos 15 até aos 65 anos), o que se reflete no nível de competências de cada um. Ou seja, alguns alunos, especialmente os universitários, conseguem habituar-se mais rapidamente à metodologia usada e compreender mais facilmente o conteúdo da aula, enquanto outros que já se encontram no mercado de trabalho, ou mesmo os reformados que, embora demonstrem grande interesse e paixão pela matéria, por estarem afastados do meio académico há alguns anos ou por terem pouco tempo disponível para estudarem, apresentam mais dificuldades de aprendizagem.

Resumindo, os professores têm que se adaptar às necessidades e características de cada um dos alunos, de modo a haver uma evolução conjunta da turma.

III.2 METODOLOGIA UTILIZADA NO ENSINO DA ESCRITA CHINESA NO INSTITUTO CONFÚCIO DA UNIVERSIDADE DO MINHO

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho dedica-se a estudar metodologias científicas no ensino de língua e cultura chinesas, designadamente no âmbito de aquisição de caracteres. Neste subcapítulo apresenta-se o planeamento do ensino de escrita chinesa nos cursos promovidos pelo IC Uminho, durante o meu estágio de docência nos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014.

Geralmente os cursos de língua chinesa dividem-se em três ou quatro fases, a saber, iniciação, elementar, intermédio e avançado (às vezes junta-se o nível elementar ao intermédio).



III.2.1 METODOLOGIA UTILIZADA NO NÍVEL DE INICIAÇÃO

Os alunos de iniciação têm pouco conhecimento mas muita curiosidade em relação à língua chinesa. O principal objetivo destes alunos é conhecerem a língua, representando a cultura chinesa um papel secundário nesta fase. Nos primeiros meses de aprendizagem, além de se ensinar a romanização fonética, presta-se particular atenção à introdução dos caracteres, uma vez que estes representam o ponto mais difícil na aprendizagem da língua chinesa dos alunos estrangeiros que, após ficarem confortáveis com estes, irão absolutamente ganhar confiança para prosseguirem a sua formação. Para além disso, a metodologia aplicada nos cursos também facilita a sua aprendizagem no futuro. Na primeira fase do contato com os caracteres, introduz-se a escrita chinesa com a sua origem: pictograma, ideograma, ideofonograma, etc. Por exemplo, na primeira aula do curso livre, desenhei no quadro alguns caracteres simples na forma antiga (pictogramas) e deixei o grupo adivinhar os significados. Como os pictogramas são relativamente parecidos com desenhos, os alunos acertaram prontamente: pessoa, árvore, água, olho... Depois, escrevi as formas modernas dos caracteres debaixo dos pictogramas para registarem a diferença. Alguns alunos concluíram rapidamente duas tendências evolutivas: os traços do carácter evoluíram de curvos para retilíneos e a forma tornou-se mais quadrada.

A seguir, aproveitei para explicar como o desenvolvimento do material de escrita influenciou a evolução dos caracteres. Embora nesta fase, os aspetos culturais não sejam o conteúdo mais importante na aula, acredito que uma abordagem moderada irá atrair os alunos e facilitar a sua aprendizagem. No seguimento da aula, desenhei novamente no quadro uma pessoa encostada a uma árvore e três fluxos de água ao lado do olho, com os mesmos pictogramas dados e a sua escrita moderna de baixo. Alguns alunos acertaram novamente: uma pessoa encostada a uma árvore constitui o carácter

descansar (休 *xiū*), três fluxos de água ao lado do olho é o carácter lágrima (泪 *lèi*). Comparando as duas formas de escrita (pictograma e escrita moderna), eles perceberam os componentes básicos da escrita chinesa, tal como o radical 亻 é uma variante do carácter 人 e indica pessoa, o radical 氵 é uma variante do carácter 水 e significa água.

Graças a esta metodologia, os alunos nas primeiras aulas estabelecem já um banco de dados que podem ser retirados e utilizados à vontade. Por exemplo, na aula seguinte, se escrevesse no quadro o carácter 河, os alunos embora não soubessem o significado, deveriam entender que supostamente esse carácter estaria relacionado com água, atendendo ao seu radical.

Outro exemplo, a forma do carácter 笔 (*bǐ*), *utensílio que serve para escrever*, é útil para a sua memorização. O carácter 笔 é composto por dois componentes, um superior 𦰩, que vem da forma antiga  (imagem das folhas de bambu), pelo que 𦰩 é o radical de bambu. A parte de baixo é 毛 e vem da sua forma antiga  , que era uma imagem de pelos de animal. Então, o carácter 毛 significa pelos ou fios fininhos. Juntando os dois componentes, soma-se bambu com pelos de animal e resulta a imagem direta de um utensílio comum que ainda hoje se vê muito: o pincel chinês.

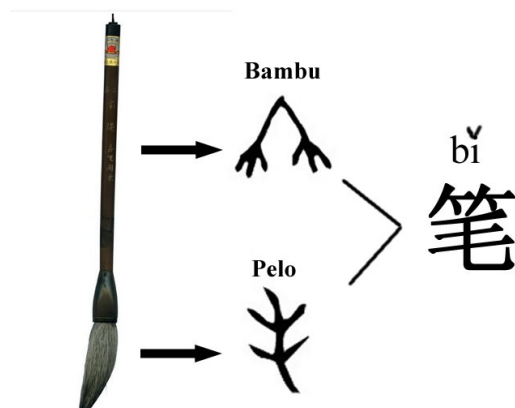


Ilustração 23: Evolução do carácter 笔 *bǐ*

Nesta altura, o professor pode acrescentar os aspetos culturais ligados ao carácter 笔 (*bǐ*): depois da invenção do papel de arroz, o pincel foi o único utensílio de escrita durante milhares de anos e desempenhou um papel imprescindível nos materiais didáticos. Por isso, hoje em dia, embora já existam vários tipos de utensílios para escrever (giz, esferográfica, lápis, etc.), os chineses ainda usam o carácter 笔 (*bǐ*) como significado geral para qualquer utensílio de escrita.

Este método de abordagem aos caracteres utilizado na fase iniciação visa criar nos alunos competências de análise da escrita dimensional. Comparando com a metodologia CLE utilizada na China, este método não exige muita memorização de vocabulário, pelo contrário, as informações de um carácter devem ser decoradas naturalmente, com base na compreensão. Na China, utiliza-se frequentemente a estratégia 随文识字 (*suíwénshízi*), *conhecer os caracteres enquanto se lê o texto*, querendo dizer que os alunos pegam num texto e vão diretamente decorar as novas palavras nele contidas. Este método exige maior quantidade de vocabulário, no entanto, é sempre complicado para os alunos memorizarem tantas palavras sem conexão entre elas. Os chineses prestam muita atenção à fase de acumulação, ou seja, o processo de

input, portanto, quer os falantes nativos quer os alunos estrangeiros têm que memorizar muitos caracteres, palavras e até textos, logo após começarem a estudar chinês. Os chineses acreditam que todos os conhecimentos colocados na cabeça (*input*), podem um dia ser utilizados (*output*). Esta situação provavelmente acontece na China, porque aí temos um ambiente de língua, uma vez que o que se aprende em aula pode ser aplicado, mais cedo ou mais tarde, na vida real. No entanto, nos países estrangeiros, memorizar muitos caracteres e palavras sem uma compreensão e análise científicas, faltando um contexto para praticar, vai resultar num sofrimento enorme para os alunos. Portanto, nos cursos do IC Uminho utiliza-se um método dimensional para facilitar a aquisição de caracteres, isto é, em vez de se explicar diretamente o significado e a forma de escrita, apresenta-se também a origem dos caracteres, os aspetos culturais associados e os usos contextuais.

Como professora estagiária, fiz uma pequena investigação ao longo do ano letivo 2012/2013 nas escolas onde lecionei. Perguntei aos alunos qual a sua opinião geral sobre os caracteres, logo no início do primeiro semestre. As respostas dos alunos do ensino básico foram, grosso modo, as seguintes:

“Parece-me muito difícil.” (Carolina, 11 anos)

“Gosto muito de desenhá-los. Mas é difícil memorizar a forma e a ordem dos traços.” (Margarida, 13 anos)

Perguntei ainda quais eram os caracteres favoritos e por que razão gostavam deles. Eis algumas das respostas, a título de exemplo:

“Gosto do carácter 七 (qī), porque é parecido como o símbolo da TMN.¹⁰²”

(Carolina, 11 anos)

“Gosto de 本 (běn), porque se lê como o meu nome.” (Benedita, 12 anos)

As expressões dos alunos mostram que eles ainda utilizavam uma maneira de pensar ocidental no estudo de chinês, o que dificultou a continuação de aprendizagem. A este propósito, Zhou Jian declara: *Comparando com a fonografia, a característica principal da escrita chinesa é que é fácil reconhecer mas difícil de escrever.*¹⁰³ Ou seja, os caracteres são facilmente reconhecíveis porque são quadrados, possuindo o mesmo tamanho e existindo uma lógica entre cada peça, mas são difíceis de escrever pois pressupõem um novo sistema de escrita, em alunos que não têm uma consciência instintiva da forma do carácter e desconhecem as coesões de cada estrutura.

Procurei ultrapassar esta dificuldade, aplicando nas aulas o método dimensional referido anteriormente, apresentando os caracteres com o significado, a forma de escrita, a etimologia, os aspetos culturais associados e os usos contextuais. Assim, os alunos deixaram de olhar para os caracteres como um monte de linhas e, passo a passo, começaram a analisar caracteres por peças (radicais). No meio do semestre, quando pedi aos alunos para corrigirem os erros da escrita, as reações foram muito semelhantes a esta: “Ah, já sei, aqui em baixo é o carácter 日, não é 口, faltou-me um traço no meio.”

(Miguel 13 anos)

¹⁰² Um operador de telecomunicações português, que entretanto mudou o nome comercial para MEO.

¹⁰³ 2002, 156 与拼音文字比较, 汉字的一个特点是难于书写却易于辨认。

No 2º semestre, quando perguntei novamente quais eram os caracteres favoritos e por que razão gostavam deles, a maioria parte dos alunos mudou de ideias:

“Gosto do carácter 友, a sua antiga forma era uma imagem de duas mãos dadas, é mesmo amizade.” (Carolina, 12 anos)

“O meu favorito é 德, virtude, ele parece muito complexo, mas pode ser desmontado em vários peças e cada peça tem o seu significado especial, por isso é fácil memorizar.” (Margarida, 13 anos)

“Eu gosto do carácter 笼, que significa gaiola e tem em cima o radical de bambu, porque é muito parecido com as folhas de bambu e em baixo é um dragão, que está preso por uma gaiola de bambu, a imagem é muito viva!” (José 11 anos)

“Gosto de 字, carácter, porque a forma é parecida com a minha situação, uma criança a ser obrigada a treinar a escrita em casa.” (José 12 anos)

Nota-se claramente a eficácia do método mencionado pois, no 2º semestre, quase todos os alunos conseguem “analisar” os caracteres de uma maneira viva e científica.

Para além disso, introduz-se dois tipos de eventos culturais nos cursos: apresentações temáticas e feriados tradicionais. As apresentações temáticas podem cobrir o calendário lunar, a medicina chinesa, a caligrafia, a pintura chinesa, o zodíaco chinês ou algumas atividades experimentais, como ritual do chá, degustação de comida chinesa, recorte de papel, etc.

Estas apresentações temáticas e culturais podem decorrer uma ou duas vezes por mês, servindo também como um *intervalo* no estudo, para recordar o interesse e chamar a atenção dos alunos. Por exemplo, depois de uma lição relacionada com os nomes dos animais, introduz-se o tema dos signos chineses. Os alunos podem aplicar algumas palavras já aprendidas no sistema do zodíaco e conhecem novos caracteres. Para além disso, eles mostram grande interesse em calcular os próprios signos, aprofundando automaticamente a memorização dos nomes dos animais.

Em relação aos feriados tradicionais, é útil fazer uma abordagem cultural um ou dois dias antes do próprio feriado, assim os alunos podem participar no evento com conhecimento de causa. Por exemplo: os alunos usam as expressões tradicionais no Ano Novo Chinês, conhecem o simbolismo da lua no Festival do Meio Outono¹⁰⁴, etc. Sendo os cursos de língua e cultura chinesas normalmente anuais, os alunos têm a oportunidade de participar ativamente em quase todos os feriados e festivais chineses de relevo.

III.2.2. METODOLOGIA UTILIZADA NO NÍVEL INTERMÉDIO E AVANÇADO

Depois da iniciação, os alunos entram na fase elementar ou intermédia da língua chinesa. Neste patamar, continuamos a utilizar o método dimensional para o ensino da escrita, no entanto, deve focar-se mais o seu uso contextual do que a forma escrita.

¹⁰⁴ O Festival do Meio Outono (中秋节 *zhōngqiūjié*) é um festival tradicional da China que se festeja no dia 15 do oitavo mês do calendário lunar. Nesse dia, as famílias chinesas juntam-se para festejarem e apreciarem a lua, porque a lua cheia simboliza a união familiar. NdA.

Por exemplo, a palavra 东西 (*dōngxi*), em chinês, significa coisa ou compras. Mas se tratamos separadamente os dois caracteres desta palavra, 东 (*dōng*) e 西 (*xī*), cada um possui um significado em nada relacionado com o sentido da palavra. O sentido original de carácter 东(*dōng*) significa a direção leste ou oriental, e 西 (*xī*) significa oeste ou ocidental. Neste momento, o professor deve explicar aos alunos que na antiga capital da China, *Xi'an*¹⁰⁵, havia dois mercados principais para os habitantes fazerem compras, um deles situava-se no leste da cidade e o outro era na zona oeste. Portanto, os locais costumavam usar *o leste* e *o oeste* para se referirem aos mercados em vez de os tratarem pelos seus nomes completos. Se uma pessoa dissesse "*vou ao leste*", isso significava que ia ao mercado leste fazer compras. Por isso, hoje utiliza-se *o leste* e *o oeste*, 东 (*dōng*) e 西 (*xī*), para representar coisas ou compras. Depois o professor deve introduzir expressões que contêm essa palavra, tais como: 去买东西 (*qù mǎi dōng xi*), *ir às compras*, 你是什么东西 (*nǐ shì shénme dōngxi*), *que coisa és tu*, expressão utilizada quando uma pessoa está irritada com a atitude de outra.

Ao nível intermédio, é necessário explicar alguns aspetos culturais de modo a esclarecer o seu uso em contexto. Por outras palavras, o uso correto, nativo e flexível de uma língua baseia-se na boa compreensão da maneira de pensar e dos hábitos linguísticos dos falantes nativos.

Por exemplo, os chineses têm uma visão global das coisas ou assuntos e aplicam esta forma de pensar na linguagem, ordenando os assuntos do maior para o menor

¹⁰⁵ Xi'an (西安, *xīān*), a capital antiga do império, situa-se no meio do continente chinês e, hoje em dia, é a capital da província de Shaanxi.

conceito: dia, mês e ano, em chinês, deve ter a sua ordem alterada para ano, mês e dia; a morada (número da porta, rua, cidade e país) deve ser igualmente invertida.

Além disto, a China tem sido muito influenciada pelo Confucionismo e a sua doutrina 中庸 (*zhōngyōng*), *ficar no meio e não desviar*. Isto quer dizer que a melhor maneira de viver é tomar uma posição neutra, não criticar nem elogiar demais. Portanto, nos comentários, os chineses usam mais palavras como *relativamente, um pouco mais, mais ou menos*, do que palavras como *ao máximo, extremamente*. Por exemplo, quando se cumprimenta um chinês: *Como estás?* Provavelmente a resposta dele será: *Estou relativamente bem ou estou mais ou menos*. Provavelmente nunca se vai ouvir uma resposta como: *estou ótimo*. Nota-se também uma atitude moderada na língua, os chineses nunca abusam do grau dos advérbios.

Devido ao seu pensamento intuitivo, os chineses têm uma grande preferência por metáforas contextuais. Geralmente, quando fazem uma descrição, utilizam outro elemento para fazer a comparação, a fim de transmitir uma ideia mais intuitiva. Por exemplo, cabelo despenteado *como um ninho*¹⁰⁶, preguiçoso *como um porco*¹⁰⁷, com tanta pressa *como se fosse para a guerra*¹⁰⁸, etc. Este tipo de metáfora, pode ser utilizado em qualquer ocasião e situação, e o conteúdo também pode ser criado ou alternado de acordo com a necessidade.

Resumindo, na fase intermédia, o professor deve orientar os alunos para conhecerem a maneira de pensar e os costumes chineses, para que entendam os fenómenos linguísticos sob influência cultural.

¹⁰⁶ 头发乱得跟鸡窝似的。

¹⁰⁷ 懒得跟猪一样。

¹⁰⁸ 急得跟马上要去打仗一样。

Para além disso, brincar com os caracteres também é uma boa maneira de facilitar a aprendizagem da escrita. Por exemplo, em dezembro de 2013 divulgou-se a lista anual de dez *buzzwords* mais impactantes na internet. A lista incluiu uma palavra recém-criada, 女汉子 (*nǚhànzi*), mulher-homem ou maria-rapaz em português, que refere uma menina com comportamentos e características mais masculinas. Esta palavra nova foi criada pelas duas componentes existentes, o carácter de mulher (女, *nǚ*), e a palavra para homem forte (汉子, *hànzi*), unindo dois significados para reproduzir um novo. Numa aula de escrita, reparei que nos ditados dos alunos havia uma confusão entre a palavra 汉字 (*hànzi*) e 汉子 (*hànzi*). Portanto, para esclarecer esse ponto, na aula seguinte recorri às dez *buzzwords* mais impactantes de 2013, e expliquei o significado de 字 que é composto pelo radical 宀 com forma de teto de casa (correspondente ao sentido de uma residência) e 子 em baixo, que significa um indivíduo. Então, 字 (*zì*), escrita chinesa ou carácter é a imagem de uma pessoa a escrever em casa. Em relação à palavra 汉子 (*hànzi*), o primeiro carácter 汉 (*hàn*) é o nome de etnia *Han*, e o segundo 子 que assume um tom neutro. Este fenómeno de mudança de tom aparece frequentemente para formar um substantivo no sentido diminutivo e coloquial, tal como 杯子 (*bēizi*) copo; 饺子 (*jiǎozi*), ravioli chinês; ou 被子 (*bèizi*), edredão. Portanto, a palavra 汉子 (*hànzi*) significa um indivíduo, ou melhor, um homem pertencente à etnia maioritária *Han*, e serve para designar um homem forte chinês. Hoje em dia, as pessoas colocam o carácter 女 (*nǚ*) atrás da palavra 汉子 (*hànzi*), para uma descrição irónica das mulheres demasiado autónomas.

Os alunos acharam bastante graça a tal explicação, o que facilitou bastante a correção do seu anterior erro e uma melhor compreensão da matéria dada.

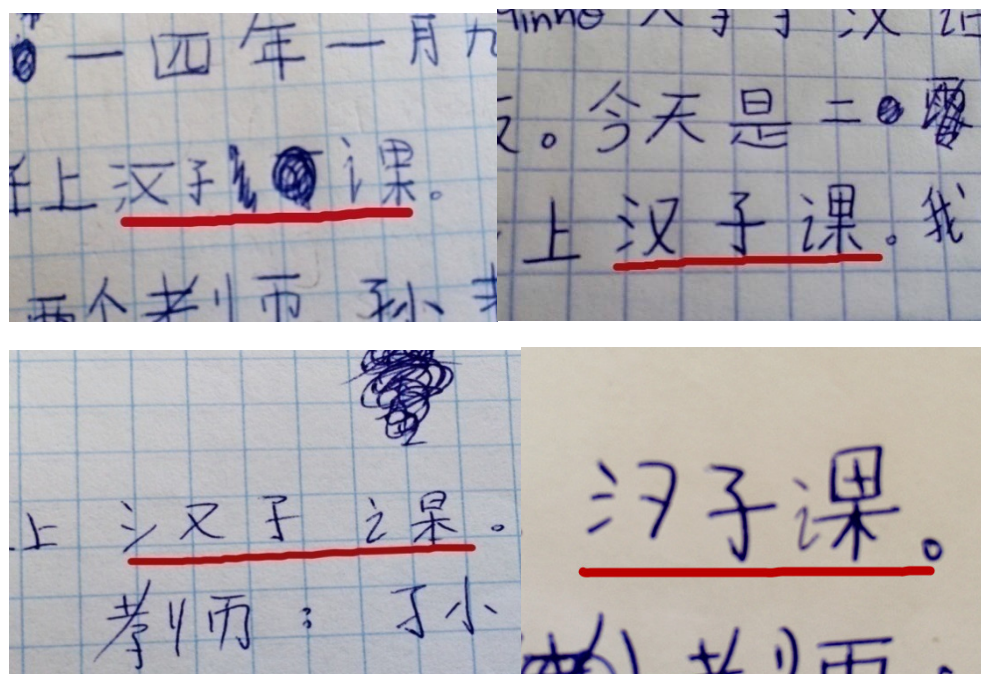


Ilustração 24: Erros no ditado

Outro exemplo é o da palavra 马上 (*mǎshàng*), 马 (*mǎ*), cavalo com 上 (*shàng*) em cima, cuja tradução literal é *em cima de cavalo* e o sentido é *já/imediatamente*. Como o cavalo, ao longo dos tempos, foi o meio de transporte mais comum e rápido, a imagem de uma pessoa montada em cima de um cavalo contém um sentido de *estar prestes para partir*, portanto a palavra 马上 (*mǎshàng*) significa *fazer algo rapidamente*.

Aliás, o ano de 2014 foi o ano do cavalo para os chineses, pelo que surgiram na internet algumas piadas com o sentido literal da palavra 马上 (*mǎshàng*). Se atentarmos na imagem seguinte, percebe-se um cavalo com dinheiro nas costas. A

legenda para esta imagem é: 马上有钱¹⁰⁹ (*mǎshàngyǒuqián*), literalmente traduzida como *ter dinheiro em cima das costas do cavalo*. No entanto, como se refere no contexto anterior, 马上 (*mǎshàng*) significa imediatamente, portanto, a legenda da imagem está a jogar com os significados dos caracteres. 马上有钱 (*mǎshàngyǒuqián*) é, de facto, o desejo de enriquecer no ano de cavalo, ou seja, ter dinheiro imediatamente.



Ilustração 25: 马上有钱, *mǎshàngyǒuqián*¹¹⁰

Os dois exemplos acima refletem alguns fenómenos da cultura moderna levados a cabo pelas novas gerações, que brincam cada vez mais com a escrita e os caracteres, fazendo jogos de palavras interessantes. Portanto, introduzir esses aspetos com moderação no ensino de língua chinesa pode ajudar a compreensão dos conteúdos dados na aula, facilitar a memorização e o entendimento de alguns usos humorísticos da língua chinesa.

¹⁰⁹ 马上有钱: 马 (*mǎ*), cavalo, 上 (*shàng*), em cima, 有 (*yǒu*), ter, 钱 (*qián*), dinheiro.

¹¹⁰ Imagem retirada de <http://image.baidu.com/i?tn=baiduimage&ct=201326592&lm=-1&cl=2&nc=1&ie=utf-8&word=%E9%A9%AC%E4%B8%8A%E6%9C%89%E9%92%B1>.

A experiência limitada de estágio não permite discutir nesta dissertação a metodologia e as reflexões do ensino da escrita na fase avançada. Portanto, apresenta-se apenas uma hipótese simples sobre o assunto.

Num patamar mais avançado, os alunos já devem dominar bem a língua chinesa, tanto a forma de escrita dos caracteres, quanto a gramática. Nesta fase, deverão focar-se no treino da escrita, quer dizer, os alunos devem insistir na expressão escrita, aplicando o conhecimento adquirido. Além disso, na análise de um texto, os alunos não deverão somente olhar para a gramática, mas terão também de verificar bem se o uso das palavras é adequado e corresponde ao fundo cultural e aos hábitos linguísticos dos chineses.

Neste caso, podemos utilizar textos bilíngues como exercícios. Isto é, os alunos leem uma versão em português e fazem a respetiva tradução, comparando-a depois com o texto original chinês e analisando o uso dos caracteres e palavras. Através deste tipo de treino, os alunos podem a começar escrever de uma maneira mais parecida com os falantes nativos, e podem distinguir as diferenças não só gramaticais mas também culturais. Por exemplo, 福 (*fú*) e 囍 (*xǐ*), têm ambos um significado de felicidade e são dois caracteres frequentemente feitos em recorte papel para a decoração da casa, em ocasiões de celebração, tal como no ano novo chinês e num casamento. No entanto, os alunos nunca podem fazer uma frase como: eles são recém-casados portanto na porta de casa têm colado o recorte de 福 (*fú*). Isto porque, culturalmente, não se utiliza o 福 (*fú*) em contexto de casamento, sendo essa a única função do 囍 (*xǐ*).

O objetivo nesta fase já não é simplesmente aprender uma língua, mas ter competência para utilizar a língua com fundamentos culturais, ou seja, usar a língua de forma objetiva para interpretar ou refletir a sua própria cultura.

Em suma, o ensino da cultura chinesa é uma componente que não se pode ignorar durante todo o processo de ensino do chinês como língua estrangeira. A sua aplicação contextual é a maneira mais eficaz de combinar a aprendizagem da cultura e da língua. Portanto, os professores devem introduzir aspetos culturais enquanto ensinam a língua, a fim de detalharem o conhecimento de uma forma mais eficaz, intuitiva e contextualizada. Ou seja, aplicar progressivamente o ensino da cultura na prática linguística.

CONCLUSÃO

Neste trabalho é feita uma reflexão sobre a estratégia do ensino do chinês como língua estrangeira, cuja dimensão a nível mundial tem crescido exponencialmente, fenómeno que se confronta com a necessidade de formar discentes com uma boa capacidade de compreensão da sociedade chinesa, bem como uma boa capacidade de comunicação com uma cultura profundamente enraizada no seu sistema de escrita, nos seus caracteres 汉字 (*hànzì*), os *sinogramas*.

Todas as línguas e escritas são decomponíveis em elementos mais e menos simples. Nas línguas com registo escrito fonográfico, o menor elemento da escrita é a letra (para além, porventura, de outros indicadores, como sejam os sinais diacríticos que, para o que aqui e agora se pretende com este ensaio, não são relevantes). As letras associam-se na formação de sílabas que, por sua vez, formam palavras que se estruturam em frases de acordo com as regras gramaticais. Isto não acontece na língua e escrita chinesa, não existe uma unidade semelhante à letra romana ou latina, mas sim o 汉字 (*hànzì*), carácter chinês, com toda a sua iconicidade, simbolismo e complexidade.

Na China antiga o conceito de “palavra” não existia propriamente, dava-se mais importância aos caracteres, alicerces da língua e escrita chinesas, daí decorrendo que o estudo, ensino e aprendizagem de CLE não os pode nem deve ignorar, como se se tratasse de uma especificidade de relevância menor. Não é uma especificidade de relevância menor, é uma particularidade de relevância maior. Ensinar, aprender e respeitar o “carácter chinês”, com toda a sua complexidade semiográfica, fonográfica, icónica, estética é, a meu ver, o fundamento primeiro e último do ensino e da aprendizagem do chinês.

A aprendizagem dos caracteres revela-se, ainda hoje e na maioria dos casos, como a componente mais difícil para alunos cuja língua materna se baseia num sistema de escrita fonográfico. Não obstante as dificuldades encontradas no ensino e na aprendizagem dos caracteres, são estes imprescindíveis ao estudo da língua chinesa, parte integrante e indissociável da sua cultura. *Ensinar chinês como língua estrangeira sem o contato com os caracteres é um ensino incompleto*, recorda Zhou, de forma muito pertinente.¹¹¹ Um aluno que não consiga aprender caracteres não será capaz de entender plenamente a língua e/ou a cultura chinesas. Impõe-se assim atender à origem dos caracteres, bem como ao seu contexto sincrónico e diacrónico.

Cultura é um conceito relativamente vasto, refletindo várias dimensões, incluindo a língua. Aliás, os dois elementos são inseparáveis. A língua revela os aspetos culturais e a cultura incorpora a evolução e o desenvolvimento da respetiva língua. Como unidade especial e o menor elemento da língua chinesa, os caracteres obviamente desempenham um papel imprescindível no âmbito linguístico e cultural. Como se refere nesta dissertação, a forma variável dos caracteres reflete os respetivos fenómenos culturais e os seus usos contextuais podem ainda demonstrar tradições, gostos estéticos, maneiras de pensar do povo chinês, etc. Portanto, é necessário prestar muita atenção à aprendizagem da cultura, tanto como à de caracteres.

Na fase inicial de ensino de língua chinesa, a abordagem da cultura não deve ser o primeiro objetivo, pelo contrário, a introdução simples de cultura chinesa deve seguir o processo do ensino da língua e a complexidade deve adaptar-se à competência do aluno. Ao nível intermédio, depois de dominar uma determinada quantidade de conhecimento sobre a língua chinesa, o ensino cultural deve ser mais enfatizado. Nesta

¹¹¹ 2002, 157 不教汉字的对外汉语教学也是一种不健全的教育。

fase, os alunos podem entender a maneira de pensar e os hábitos dos chineses através da aprendizagem da cultura, enquanto podem imitar e utilizar a língua de uma forma mais correta e nativa. A um nível avançado, a aprendizagem da cultura torna-se o valor principal, quer dizer, os alunos deste nível podem entender mutuamente a língua e a cultura, como afirma Wardhaugh : *...é saber o que está na língua e o que não está; é saber as possibilidades que a língua oferece e o que é impossível.*¹¹² O conhecimento da língua nesta fase serve para explicar e interpretar os aspetos culturais.

Concluindo, se a língua chinesa é uma porta para a cultura chinesa, tão rica e diversa, a chave desta porta são os caracteres. Para conhecer o mundo fora da porta, temos de estudar bem para obter a *chave*, por outro lado, depois de ter noção dessa paisagem lá fora é que nós podemos entender o real valor da chave na nossa mão.

¹¹² 2002, 2 It is knowing what is *in* the language and what is not; it is knowing the possibilities the language offers and what is impossible.

BIBLIOGRAFIA

1. ARESTA, A. (1999). *A Educação Portuguesa no Extremo Oriente*, Lello Editores, Porto.
2. BLAKNEY, R. B. (1948). *A Course in the Analysis of Chinese Characters*, The College of Chinese Studies.
3. BOLTZ, W. G. (1994). *The Origin and Early Development of the Chinese Writing System*, Eisenbrauns.
4. BOURDIEU, P. (1990) *The Logic of Practice* (Trans. Richard Nice). Stanford University Press.
5. CHEUNG, K.Y. (1983). *Recent Archaeological Evidence Relating to the Origin of Chinese Characters*, trans. Noel Barnard (Vol. *The Origins of Chinese Civilization*), University of California Press, Berkeley.
6. CORTESÃO, A. (1990). *Primeira Embaixada Europeia à China: o boticário e embaixador Tomé Pires e a sua "Suma Oriental"*, Instituto Cultural de Macau, Macau.
7. CRESPO, J. H. (1898). *Cousas da China: Costumes e Crenças*. Imprensa Nacional, Lisboa.
8. DONG, Kun. 董琨 (2005). *中国汉字源流 Zhōngguó hànzi yuánliú, A Origem dos Caracteres Chineses*, 商务印书馆, 北京. Editora Comercial, Beijing.
9. ELLIOTT, M. C. (2000). "The Limits of Tartary: Manchuria in Imperial and National Geographies" em *The Journal of Asian Studies*, Vol. 59, N.º. 3, pp. 603-646.

10. GUAN, Z. (2014). Relatório de estágio: *A Situação atual dos estudos chineses em Portugal*. ILCH, UMinho
11. HE, Jiuying. 何九盈, HU, Shuangbao. 胡双宝 & ZHANG, Meng. 张猛 (1995). *中国汉字文化大观 Zhōngguó hànzi wénhuà dàguān, Visão Panorâmica para a Escrita e Cultura Chinesas*, 北京大学出版社. Editora da Universidade de Beijing.
12. HU, Xiaoshi. 胡小石 (1933). *古文变迁论 Gǔwén biànqiānlùn, A Evolução da Escrita Antiga*, 国立中央大学文艺社丛刊 Coleção da Associação Artística da Universidade Central Nacional.
13. KRAMSCH, K. (1998). *Language and Culture*. Oxford University Press.
14. LE PAGE, R. B. & TABOURET-KELLER A. (1985). *Acts of Identity*. Cambridge University Press.
15. LI, Dasui. 李大遂 (1993). *简明实用汉字学 Jiǎnmíng shíyòng hànzi xué, Introdução ao Estudo da Escrita Chinesa*, 北京大学出版 Editora da Universidade de Beijing.
16. LI, Dasui. 李大遂 (1998). *从汉语的两个特点谈必须切实重视汉字教学 Cóng hànǔde liǎnggè tèdiǎn tán bìxū qièshí zhòngshì hànzi jiàoxué, Reflexão sobre a importância do Ensino da Escrita Chinesa a partir de duas características*, 法国第二届国际汉语教学学术研讨会 Colóquio da Associação Internacional do Ensino de Chinês em França, 北京大学出版社 Editora da Universidade de Beijing.

17. LI, Leyi. 李乐毅 (1996). 汉字演变五百例 *Hànzì yǎnbiàn wǔbǎi lì, 500 Exemplos na Evolução da Escrita*, 北京语言学院出版社 Editora do Instituto de Estudos de Língua de Beijing.
18. LIN, Baoqing. 林宝卿 (2000). 汉语与中国文化 *Hànyǔ yǔ zhōngguó wénhuà, A Língua e Cultura Chinesas*, 科学出版社, 北京 Editora de Ciências, Beijing.
19. LIU, Boji. 刘伯骥 (1954). 中西文化交通史 *Zhōngxī wénhuà jiāotōng shǐ, A História da Comunicação Intercultural*. 中正书局 Editora de Zhongzheng.
20. LIU, Li. (2007). *The Chinese Neolithic: Trajectories to Early States*. University Press, Cambridge.
21. LI, Lingpu. 李玲璞 & ZANG, Kehe. 臧克和 (1997). 古汉字与中国文化源 *Gǔhànzì yǔ zhōngguó wénhuà yuán, A Escrita Antiga e a Origem da Cultura Chinesa*. 贵州人民出版社 Editora Popular de Guizhou.
22. LIU, Zhiji. 刘志基 (1995). 汉字与古代人生风俗 *Hànzì yǔ gǔdài rénshēng fēngsú, A Escrita Chinesa e a Cultura Popular da Antiga China*. 华东师范大学出版社 Editora da Universidade Normal do Leste China.
23. LU, Jianji. 鲁健骥 (1999). 谈对外汉语教学历史的研究 *Tán duì wàihànyǔjiàoxué lìshǐ de yánjiū, O Estudo de História de Chinês Língua Estrangeira*. 中国对外汉语教学学会第六次学术讨论会论文选 XI Colóquio académico da Associação de CLE. 华语教学出版社 Editora do Ensino Chinês.

24. Lü, Bisong. 吕必松 (1990). *对外汉语教学发展概要 Duiwài hànyǔ jiàoxué fāzhǎn gài yào, A Breve história do Ensino de Chinês como Língua Estrangeira.* 北京语言学院出版社 Editora da Universidade de Língua e Cultura de Beijing.
25. Lü, Bisong. 吕必松 (1998). *二十世纪的对外汉语教学学科地位的确立和学科理论研究 èrshíshìjì duìwài hànyǔ jiàoxué xuékē dìwei de quèlì hé xuékē lǐlùn yánjiū, O Estudo do Estatuto e da Teoria do Chinês Língua Estrangeira no Século XX.* 北京大学出版社 Editora da Universidade de Beijing.
26. MA, Guoquan. 马国泉 & ZHANG, Gao. 张高 (1992). *新时期新名词大辞典 Xīnshíqī xīnmíngcí dàcídiǎn, Dicionários das Novas Palavras na Nova Era.* 中国广播电视出版社 Editora de Televisão e Rádio da China.
27. SAMOVAR, L., PORTER, R. & JAIN, N. (1981). *Understanding intercultural communication.* CA: Wadsworth, Belmont.
28. SAPIR, E. (1921). *Language: An Introduction to the Study of Speech.* Rupert Hart-Davis, London.
29. SUN, Dejin. 孙德金 (2006). *对外汉语词汇及词汇教学研究 Duiwài hànyǔ cíhuì jí cíhuì jiàoxué yánjiū, O Estudo do Vocabulário para Chinês Língua Estrangeira.* 商务印书馆, 北京 Editora Comercial, Beijing.
30. SUN, Lam. 孙琳 (2014). *水乳交融的语言与文化教学 Shuǐrǔjiāoróng de yǔyán yǔ wénhuà jiàoxué, A integração da Língua e Cultura no Ensino de*

Chinês Revista da Associação Internacional do Ensino de Chinês Língua Estrangeira, Beijing.

31. TANG, Han. 唐汉 (2003). 唐汉解字•汉字与两性文化 *Tánghàn jiězì• hànzi yǔ liǎngxìngwénhuà*, *Análise dos Caracteres - Caracteres e Cultura Sexual*. 太原书海出版社 Editora Mar dos livros, Taiyuan.
32. TANG, Han. 唐汉 (2003). 唐汉解字•汉字与日月天地 *Tánghàn jiězì• hànzi yǔ rìyuè tiāndì*, *Análise dos Caracteres - Caracteres e Natureza*. 太原书海出版社 Editora Mar dos livros, Taiyuan.
33. TANG, Lan. 唐兰 (2005). 中国文字学 *Zhongguo wenzi xue*, *Os Estudos sobre a Escrita Chinesa*. 古籍出版社, 上海 Editora dos clássicos chineses, Shanghai.
34. THANASOULAS, D. (2001). *Radical Pedagogy: The importance of teaching culture in the foreign language classroom*.
35. WARDHAUGH, R. (2002). *An introduction to sociolinguistics* (Fourth Ed.). Blackwell Publishers, Oxford.
36. XIAO, Qihong. 萧启宏 (2002). 汉字开智之路 *Hànzi Kāizhì zhī lù*, *O Caminho dos Caracteres para a Inteligência*. 北京师范大学音像出版社 Editora de Audio e Vídeo da Universidade Normal de Beijing.

37. XUE, Xiaoguang. 薛晓光 (2005). 在识字教学中开掘汉字文化 *Zài shízìjiàoxuézhōng kāijué hànzi wénhuà, Investigar a Cultura da Escrita no Ensino*. 对外语文教学出版社 Editora de Chinês Língua Estrangeira.
38. YANG, Guozhang. 杨国章 (1990). 中国对外汉语教学学会第三次学术讨论会论文选 *Coleção de artigos do 3º Colóquio do Ensino de Chinês Língua Estrangeira*. 北京语言学院出版社 Editora da Universidade de Língua e Cultura de Beijing.
39. ZANG, Kehe. 臧克和 (1999). 中国文字与儒学思想 *Zhōngguó wénzì yǔ rúxué sīxiǎng, A Escrita Chinesa e Confucionismo*. 广西教育出版社 Editora de Educação de Guangxi.
40. ZHANG, Hui. 张卉 (2001). 最新汉字统计 *Zuìxīn hànzi tǒngjì, As Últimas Estatísticas de Caracteres*. 北京晚报 Jornal da Noite de Beijing.
41. ZHOU, Jian. 周健 (2002). 汉字教学策略与汉字教材编写 *Hànzìjiàoxué cèlüè yǔ hànzìjiàocái biānxiě, A Estratégia do Ensino de Caracteres e a Edição do Compêndio* 对外汉语论丛第二集 *Coleção da Dissertação de CLE (II)* 上海外语教育出版社 Editora de Ensino de Língua Estrangeira de Shanghai.
42. ZHOU, Xiaobin. 周小兵 (2010). 对外汉语教学入门 *Duìwàihànyǔjiàoxué rùmén, O Guião para o Ensino de Língua Chinesa aos Estrangeiros*. 中山大学出版社 Editora da Universidade de Sun Yat-sen.

43. ZONG, Baihua. 宗白华 (2005). 美学散步 *Měixué sànbù*, *Uma Caminhada pela Estética Chinesa*. 上海人民出版社 Editora Popular de Shanghai.

Weblinks

1. Instituto Confúcio da Universidade do Minho
<http://www.confucio.uminho.pt/sobre/objectivos>, consultado a 04/05/2014
2. Onze caracteres encontrados em Dinggong Shandong
http://baike.baidu.com/link?url=_ZyYwV6vXZHDyNeDq, consultado a 15/04/2014
3. Carácter *cavalo* (马 *mǎ*): antes e depois de uniformização
<http://www.qinla.com>, consultado a 15/04/2014
4. Bagua e Hetu
<http://baike.baidu.com/view/4881.htm>, consultado a 16/04/2014.
5. Evolução do Carácter Sol e Lua
<http://dict.shufaji.com/word-1974.html>, consultado a 16/04/2014.
6. Evolução do Carácter Boca
<http://dict.shufaji.com/word-617.html>, consultado a 16/04/2014.
7. Evolução do Carácter Mulher
<http://dict.shufaji.com/word-1615.html>, consultado a 08/05/2014
8. Evolução do Carácter Casa
<http://dict.shufaji.com/word-3041.html>, consultado a 19/05/2014.
9. Evolução do Carácter Não
<http://dict.shufaji.com/word-3673.html>, consultado a 19/05/2014.
10. Evolução do Carácter Esquecer
<http://dict.shufaji.com/word-1335.html>, consultado a 20/09/2014.
11. Hanban
<http://www.hanban.edu.cn/>, consultado a 19/10/2014.
12. As formas antigas dos caracteres
<http://www.zdic.net/>, consultado a 04/07/2014.
13. Definição da cultura
<http://www.carla.umn.edu/culture/definitions.html>, consultado a 01/02/2015.
14. Mensagem do Papa Bento XVI no início das Celebrações do Quarto Centenário da Morte de Matteo Ricci.
<http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages.html>, consultado a 01/03/2014.